

# 1 • Histórias de vida

Ao narrar e ler histórias de vida de outras pessoas, aprendemos a criar e reconhecer realidades singulares feitas pela linguagem. Apesar de uma história nunca ser igual a outra, todas elas têm um ponto em comum: ao serem lidas ou contadas, ganham vida por meio da linguagem. Quando o assunto é histórias de vida destacam-se a *autobiografia* (ou o relato autobiográfico) e a *biografia* (ou o relato biográfico).



Caminho de pinus, em São Bento Abade (MG) (Juca Martins/Pulsar).

A autobiografia tem como tema central a vida de uma pessoa contada ou escrita por ela mesma. A biografia também gira em torno da história de uma pessoa, só que contada ou escrita por outro.

Os relatos autobiográficos e biográficos são importantes não só porque apresentam as vidas de certas pessoas, mas também porque mostram que é praticamente impossível separar a trajetória de um indivíduo da sociedade na qual ele está inserido. Assim é que as autobiografias e biografias não narram apenas a vida de uma personagem, mas mostram como é a sociedade em que vive: as diferentes visões de mundo da época, as diversas crenças dos sujeitos, os conflitos entre os grupos sociais, os valores e a ética que prevalecem, entre outros aspectos.

As autobiografias e biografias têm ainda uma função importante: a de dar acesso a modelos de vida que são valorizados ou que merecem destaque em uma certa época, numa determinada sociedade. Em geral, as pessoas têm acesso a esses modelos porque essas histórias são publicadas.

As histórias de vida apresentadas neste módulo foram reconstruídas a partir de lembranças pessoais. Recordar não é trazer o passado tal como ele foi, mas reconstruí-lo. O passado (uma história pessoal, familiar, da comunidade, de um país ou da humanidade) é sempre re-ordenado pelo narrador, com a ajuda de diferentes recursos. Em geral, os fatos passados são reconstruídos a partir de documentos, textos escritos, depoimentos orais, fotografias etc. No caso dos relatos autobiográfico e biográfico que selecionamos, a principal fonte de reconstrução do passado é a memória.

Por que podem interessar as lembranças pessoais de alguém? Por que é importante lembrar? Segundo o historiador Paul Thompson, “toda a história depende finalmente de seu propósito social”. E é exatamente por isso que os relatos autobiográficos e biográficos variam tanto em sua forma quanto em seu conteúdo: porque os formatos que podem assumir e os conteúdos veiculados são definidos em função do tipo de público ao qual são destinados. Assim, uma história de vida terá um maior interesse social na medida em que a trajetória construída possa ser relacionada à “paisagem social” na qual é produzida.

A primeira parte do módulo traz o capítulo inicial da autobiografia de Valéria Piassa Polizzi, intitulada *Depois daquela viagem: diário de bordo de uma jovem que aprendeu a viver com Aids*. Valéria tinha 16 anos quando contraiu o vírus da Aids, em 1987, porque *transou* sem camisinha.

A segunda parte traz o trecho inicial do relato biográfico escrito por Zélia Gattai sobre seu marido, o escritor Jorge Amado. O livro de onde foi retirado este trecho intitula-se *Jorge Amado, um baiano romântico e sensual*. A obra é composta por três relatos de amor, escritos por Zélia Gattai e pelos dois filhos do casal, Paloma Jorge Amado e João Jorge Amado. O livro apresenta a intimidade de um grande escritor brasileiro.

Valéria toma a decisão de relembrar sua própria vida em função do fato de ter adquirido o vírus do HIV. Zélia faz uma homenagem a Jorge, reconstruindo sua imagem a partir das memórias de sua convivência íntima com ele. O passado dessas pessoas passa a ter importância principalmente porque mostra o papel que exercem ou exerceram na sociedade brasileira.

A história de Valéria é interessante porque promove a possibilidade de reflexões sobre problemas contemporâneos, como, por exemplo, a vida de pessoas portadoras do vírus da Aids, e sobre tantos outros problemas humanos, como as relações entre homens e mulheres.

A importância da figura de Jorge Amado é indiscutível na construção de uma identidade nacional. Além de ter sido um dos mais importantes escritores brasileiros, ele também foi um cidadão que participou de forma intensa da vida política e cultural do país. Com sua obra, retratou o povo brasileiro para si mesmo e para o resto do mundo.

## AUTOBIOGRAFIA

### Contextualizando o texto

*Um navio, um naufrágio* é o primeiro capítulo da autobiografia de Valéria Piassa Polizzi, que contraiu Aids aos 16 anos e que resolveu escrever sua história como um “alerta autobiográfico para que muitos outros jovens não se exponham às mesmas conseqüências da desinformação”.

Valéria decidiu escrever sobre sua história com a Aids depois de quase dez anos de convivência com a doença, incentivada pelos amigos durante o período que ficou em casa, recuperando-se de uma tuberculose. Para ela, essa experiência funcionou como uma terapia. O relato mostra o caminho percorrido por Valéria na busca de uma identidade para si mesma.

Ela recorda, por exemplo, que na primeira consulta com o médico infectologista, teve a sensação de que havia recebido uma sentença de morte. “O que acabou acontecendo foi que ele me viu crescer”, escreve ela. “Ele diz que cheguei lá, há catorze anos, como uma menina braba e assustada, e que hoje me tornei uma mulher, mais feminina e confiante.” Conta que escreveu sua experiência como um alerta para que os jovens não se exponham às mesmas conseqüências da desinformação.

Durante algum tempo, Valéria teve receio da responsabilidade que envolvia a escrita de sua autobiografia: “Quando comecei a escrever esse livro, só tinha um lápis, um caderno e vontade de explicar muitas coisas. Passei três anos pensando e repensando em cima do papel. Se isso já tinha sido para mim um grande aprendizado e me fez fortalecer, publicá-lo e vê-lo tão bem aceito pelo público e pela mídia, depois de anos de tabu, só me deu mais forças para continuar o trabalho”. Ela “expõe, sem meias palavras, como a doença mexeu com a sua cabeça e com seus sentimentos.”

Em 2001, Valéria lançou seu segundo livro, uma coletânea de crônicas com o título *Papo de garota*. Nesse mesmo ano, casou-se com o austríaco Markus Grundbock, com quem já namorava há três anos e foi morar na Áustria.

Valéria continua escrevendo e planeja publicar outros livros: “nesses anos que percorri o Brasil dando palestras e que viajei pelo mundo em busca de novas experiências, aprendi que a Aids é apenas um dos muitos temas que nossa sociedade precisa tratar. É sobre esses temas que quero escrever agora”.

## **Um navio, um naufrágio**

Valéria Piassa Polizzi

No Natal de 1986 eu tinha quinze anos e estava fazendo uma viagem de navio para a Argentina com meu pai e minha irmã, que é três anos mais nova do que eu. O navio era lindíssimo, cheio de salas, bares, restaurante, cassino, piscina e show todas as noites. O ambiente era estritamente familiar, muitas vovós, crianças, pais e mães, todo mundo passando o Natal junto, na maior calmaria. Piscina pela manhã, um jantar de gala à noite e, durante a tarde, uma volta pelas dependências do navio. E foi numa dessas, um belo dia, que eu vi um cara tropeçando. No auge dos meus quinze aninhos, não pude resistir e dei uma risadinha. Ele deve ter achado que eu estava rindo para ele, e não dele, e correspondeu com um sorriso. Depois disso, a gente se cruzou mais algumas vezes e, quando o navio atracou em Buenos Aires, ele veio falar comigo. Fiquei sabendo que estava terminando a faculdade de educação física, gostava de surfar, estava viajando com os pais e também morava em São Paulo. A gente continuou se vendo e, nessas de papo vai papo vem, eu já estava perdidamente apaixonada. Depois que ele me beijou então, nem se fala. É... Papai Noel havia me dado um presente e tanto!

A viagem acabou, trocamos telefone, endereço e ficou combinado que nos veríamos em São Paulo. Dois dias mais tarde, ele me liga. Eu estava indo para Corumbá passar o resto das minhas férias na casa de meus avós. Ele vinha me ver antes disso. Me arrumei toda e fiquei sentadinha, esperando. O coração batendo forte, cheio de ansiedade. Sete horas, oito horas, nove horas, nada. Dez horas, meu pai resolveu se manifestar:

– Filha, acho melhor você ir dormir, porque ele não vem.

– Vem sim, pai!

Onze horas, já com os olhos cheios de lágrimas, vou para o quarto. Ouço minha irmã dizer da sala:

– Tadinha...

É... o primeiro fora a gente nunca esquece.

Nada como a casa da vó nas férias, cheia de gente. Rever os primos, novos amigos, festinha toda noite e uma pracinha com vista para o rio, onde a turma se reúne. Assim é minha doce Corumbá, uma cidadezinha em Mato Grosso do Sul, fronteira com a Bolívia, capital do pantanal.

Estava tudo muito bem, eu até já havia esquecido o ocorrido, quando um dia ele me liga. Será? Não é possível, estou sonhando. Mas não é que era mesmo? Conversamos um pouco, ele deu uma desculpa esfarrapada sobre aquele dia e pediu que eu ligasse quando voltasse. Eu liguei e a gente começou a namorar. Ele era legal, me tratava bem e me enchia de presentes. Vinha na minha casa nos fins de semana, a gente ia numa lanchonete, assistia a um filme... Um típico namorinho burguês. Nessa época eu estava morando com meu pai que, por sinal, não gostava nem um pouco desta história. Achava que eu era muito nova para ficar saindo por aí com um cara de vinte anos. Isso porque meu pai não sabia que, na verdade, ele tinha 25 – era dez anos mais velho do que eu.

O negócio foi esquentando como em qualquer outro namoro. Ele passou a vir em casa quase todos os dias e, quando meu pai encrencava, eu corria para a casa da minha mãe (tática típica dos filhos de pais separados). Foi então que começou a surgir um novo assunto: sexo.

– Acho que já tá na hora da gente transar, afinal já são mais de seis meses de namoro. Eu não sou mais moleque e já estou me chateando com essa história.

“E agora, o que é que eu faço? Será que eu já estou preparada? Se eu não transar com ele, aposto que vai embora. Talvez ele tenha razão, já está na hora. Bem, deixe-me pensar. O que eu sei sobre sexo? Tudo, oras, minha mãe leu para mim o livro *De onde vêm os bebês* quando eu tinha uns cinco anos. Nas aulas de ciências já aprendi sobre o espermatozóide, o óvulo, a vagina e o pênis. Na televisão já vi todas aquelas cenas românticas e até uns filmes nacionais mais picantes. Pronto, agora é só bater tudo num liquidificador e aí está uma relação sexual.”

Os pais dele tinham ido viajar e nós estávamos sozinhos em casa. Ele apagou a luz e começou a me beijar.

– Só que eu não quero fazer nada, tá?

– Tá, tá bom.

Ele tirou a minha roupa e a dele também. Ficamos nos acariciando quando senti que ele ia me penetrar.

– Pára. Você falou que não ia fazer nada.

– Só um pouco. Prometo que não vai doer.

Acabei deixando, acho que mais por curiosidade do que por qualquer outra coisa. De repente ele parou e saiu de cima de mim. Será que alguém pode me explicar o que é que está acontecendo?

– É que eu não posso gozar dentro de você, senão eu te engravido.

É mesmo. Eu tinha esquecido desse detalhe. Quer dizer que já acabou? É isso que é transar?

– Ih... Você não vai começar a chorar agora, né?

– É que eu pensei...

– Pode ir parando que agora já foi.

Então é isso... Nós já transamos. Mas como pode? Cadê o vinho, a lareira? Não é nada daquilo que eu esperava. Pára tudo! Que estranho, que droga, que horrível! Por que é que ninguém me explicou que era desse jeito? E que negócio é este de ficar me lambendo? É isso que é sexo oral? Poxa vida, outro dia lá na escola os meninos levaram uma Playboy e a gente ficou vendo. No meio de um dos textos apareceu uma nova expressão: “sexo oral”.

– O que é isso, Dé? – perguntei pra minha amiga.

– É quando as pessoas ficam gemendo enquanto estão transando.

É, Daniele, decididamente nós não entendemos nada de sexo.

Agora você me pergunta: onde é que estava a camisinha nesta história toda? E eu respondo: não estava. Se já existia a Aids? Já, sim, só que era coisa de “viado”, de “grupo de risco”. E, além do mais, segundo meu namorado, camisinha era coisa de “puta”. Eu não era “puta”; logo, não precisava de camisinha.

O namoro foi continuando e, aos poucos, comecei a me sentir sufocada. Já não podia mais sair com meus amigos, não tinha mais tempo de estudar e cada vez que eu olhava para o lado era briga na certa. Não lembro direito como começou, só sei

que ele passou a me bater. Um dia era um tapa porque eu havia recebido cartas de um primo; outro dia era um soco porque eu olhava para outro cara na rua; e no final ele já estava me espancando por qualquer coisa.

Lá em casa ninguém sabia; ao contrário, todo mundo achava ele um santo. Eu vivia nervosa, já não dormia mais. Tentava falar com ele e terminar tudo, mas ele virava um bicho e me batia ainda mais, depois se arrependia, chorava, pedia desculpas e prometia que aquilo nunca mais ia se repetir. Durante alguns dias ficava tudo calmo, era difícil acreditar que era a mesma pessoa. Mas depois começava tudo outra vez, cada dia mais violento, ameaçava matar meus pais e depois queria transar.

– Você nunca vai ficar livre de mim, eu posso até ir para a cadeia, mas quando sair venho atrás de você e te pego. Com dinheiro e influência, ninguém fica preso neste país por muito tempo mesmo.

Eu não sabia mais o que fazer, morria de medo de contar pra alguém, achava que as pessoas não iriam acreditar em mim, que meu pai podia ficar bravo... sei lá. Eu só queria desaparecer, sumir, morrer.

Até que um dia, depois de um ano de namoro, minha vó pegou ele me batendo. Foi horrível, um escândalo. Ele começou a berrar e ameaçar todo mundo até que minha mãe chamou o porteiro, que subiu e o colocou pra fora.

Ninguém acreditou no que tinha acontecido. Poucas horas antes, minha avó tinha dito que ele era um rapaz muito bonzinho e educado. Ninguém sabia ao certo o que fazer. Meu pai estava viajando, ligamos então para o meu tio, que também não estava. Acabou vindo minha tia.

A tia Ciça é dessas pessoas que chegam e já vão tomando as rédeas da situação. Acalmou todo mundo e ligou para a casa dos pais dele. Para nossa surpresa, disseram que aquilo era supernormal, que eles já estavam acostumados com aquele tipo de ataque, ele até vivia quebrando a casa inteira. Disseram que ele já tinha chegado lá, ameaçando-os com uma faca, mas que já havia tomado uma injeção de calmante e estava tudo sob controle. Meia hora depois, ele liga pra minha casa e diz as maiores barbaridades. Conclusão: a família não havia tomado providência nenhuma e ele ainda estava solto por aí.

(...) Depois de uma semana, voltamos para casa; afinal, eu precisava ir para a escola, o que não foi nada fácil. Meus amigos faziam perguntas, onde é que eu havia estado? O que havia acontecido? Eu não sabia como responder, morria de vergonha daquilo tudo e nunca contava a verdade. Até hoje essa história me incomoda, tive muita vontade de rasgar todas essas folhas. Gostaria de nunca ter escrito isso, gostaria de nunca ter passado por isso. Foi uma fase muito ruim da minha vida, que eu preferia que não tivesse existido. É muito doloroso lembrar, mas mais doloroso ainda é saber que eu não fui a única, que isso acontece com milhares de mulheres todos os dias. E depois de tudo ainda temos que ouvir: "Acho que você era meio masoquista", ou "Você bem que gostava, né?". Durante muito tempo fiquei quieta, achava que eu merecia, que a culpa era minha. Mas hoje não, e tenho vontade de sair gritando:

– Nós não gostamos disso. Nós não gostamos de apanhar, não gostamos de ser violentadas e também não gostamos desses comentários infelizes!

*E se você não for sensível o suficiente para entender porque neste caso ou em tantos outros as pessoas optam pelo silêncio, por favor, pare de ler este livro.*

*Ele continuou me perseguindo por mais ou menos um ano. Eram cartas e telefonemas cheios de ameaças. Houve um tempo em que eu já nem podia ouvir o som do telefone, não saía nunca de casa sozinha e fiquei sabendo, mais tarde, que meu pai tinha até colocado um cara para vigiar a porta da escola. Descobrimos também que ele usava drogas, e com isso surgiu a questão da Aids. Será? Fazia sentido, um mês antes, ao se candidatar a um emprego na polícia, ele havia sido reprovado depois de fazer um exame de sangue. Mas aquilo já era muito para a minha cabeça, e eu nem havia falado para os meus pais que tinha transado com ele. Além do mais, a Aids naquela época era muito rara em mulheres.*

Trecho retirado do livro de Valéria Piassa Polizzi: *Depois daquela viagem: diário de bordo de uma jovem que aprendeu a viver com Aids*. 19ª.ed. São Paulo: Ática, 2003, p.9-15.

### **Explorando o universo textual**

A tarefa de lembrar e compartilhar uma história não é fácil. Por meio das lembranças, temos acesso a sentimentos e a experiências que podem, por vezes, ser dolorosos para nós.

A história de Valéria é o relato de alguém que lutou muito contra as dificuldades que a contaminação pelo vírus HIV lhe causou. É a história de alguém que aprendeu a viver com essas dificuldades, como diz o título de seu livro, procurando levar sua existência da maneira mais significativa possível. Muitas lembranças causaram sofrimento e Valéria chega a questionar se deveria mesmo ter escrito o livro:

*Até hoje essa história me incomoda, tive muita vontade de rasgar todas essas folhas. Gostaria de nunca ter escrito isso, gostaria de nunca ter passado por isso. Foi uma fase muito ruim da minha vida, que eu preferia que não tivesse existido. É muito doloroso lembrar, mas mais doloroso ainda é saber que eu não fui a única, que isso acontece com milhares de mulheres todos os dias.*

Em sua autobiografia, *Depois daquela viagem: diário de bordo de uma jovem que aprendeu a viver com Aids*, a autora lança mão de diferentes recursos para conectar os leitores a sua história de vida. Valéria faz isso para que entrem em seu universo e compartilhem de seu drama pessoal. A linguagem está a serviço de um dos objetivos traçados pela autora: “mostrar como a doença mexeu com sua cabeça e com seus sentimentos”.

No texto há várias portas que levam ao mundo de Valéria. A narradora usa recursos de linguagem que fazem com que os leitores aproximem-se de

seus sentimentos e inquietações, de seus pontos de vista e interpretações, e tomem parte, de algum modo, de suas experiências.

Esta seção vai explorar os recursos que mais chamam a atenção na construção dessa narrativa:

- o estilo coloquial, ou seja, o uso de uma linguagem muito próxima daquela que as pessoas usam cotidianamente, em situações informais;
- a interação com o leitor;
- os recursos lingüísticos para representar e construir as duas mais importantes personagens desse trecho: Valéria e seu namorado.

Esses aspectos refletem um estilo de narrar, um modo de escrever, de contar fatos e expressar sentimentos e pensamentos. Valéria optou por um estilo informal, que não criasse obstáculos para seus leitores. Esses recursos são importantes porque colaboram para que ela alcance seus objetivos: ser lida e compreendida pelo grande público e fazer com que sua trajetória de vida possa servir para que as pessoas reflitam sobre suas práticas e sobre seus valores.

### **O estilo coloquial da narrativa**

O estilo coloquial é um dos recursos utilizados por Valéria para produzir uma relação de proximidade com o leitor. Seu texto está repleto de palavras e expressões usadas em situações cotidianas e informais.

#### **Palavras e expressões de uso cotidiano**

- a) *“O negócio foi esquentando...”.*
- b) *“A gente se cruzou mais algumas vezes”.*
- c) *“E foi numa dessas, um belo dia, que eu vi um cara tropeçando”.*
- d) *“... e, quando meu pai encrecava...”.*
- e) *“Nessa época, eu estava morando com meu pai, que, por sinal, não gostava nem um pouco dessa história...”.*

O tom informal e coloquial da narrativa é reforçado pelo uso de expressões típicas da conversação diária entre as pessoas.

#### **Palavras, expressões e construções comuns em conversas informais**

- a) *Expressões típicas das situações de fala, como “né”, “é...”, “pronto”, “então”. São os chamados marcadores conversacionais.*
- b) *Palavras grafadas da forma como se pronuncia como “pra” (para) e “tadinha” (coitadinha), “vó” (avó).*



- c) O “te” concordando com o “você” como nos exemplos: “É que eu não posso gozar dentro de você, senão eu te engravido; “...mas quando sair, venho atrás de você e te pego”.
- d) *Construções típicas de situações de fala:* “Por que é que ninguém explicou que era desse jeito?; “Depois que ele me beijou então, *nem se fala!*”

Os exemplos acima mostram que o importante, quando se escreve, é adequar a linguagem ao objetivo que se pretende alcançar e ao gênero que se escolheu produzir, neste caso uma autobiografia. Para isso, é importante levar em conta o público que se quer atingir e o estilo a ser utilizado na narrativa.

Quando se quer aproximar o leitor dos sentimentos e experiências narradas, estabelecer uma empatia com o público, pode-se utilizar, como Valéria, uma linguagem o mais próxima possível dele.

É nesse sentido que os recursos acima utilizados por Valéria não estão “errados”, apesar de distantes do que se costuma chamar norma culta. São formas lingüísticas legítimas das quais a narradora lançou mão para alcançar os seus objetivos e criar uma identificação do leitor com o que está sendo dito. Além disso, ao empregar um estilo coloquial, a narradora constrói uma identidade para si mesma, reforçando a sua imagem de jovem moradora de centros urbanos.

## **A interação com o leitor**

Para construir uma proximidade mais direta com o leitor, a narradora se utiliza de alguns recursos. Um deles é a apresentação de comentários pessoais; o outro é a construção de diálogos imaginários com o leitor.

### **Comentários**

*Além de contar sobre sua vida, Valéria, em diferentes momentos de seu relato, comenta suas experiências, o que nos ajuda a ir compreendendo, junto com a narradora, a história. Assim, vamos acompanhando, passo a passo, o desenrolar dos acontecimentos e também entrando em contato com seus pontos de vista sobre os fatos, as personagens, os comportamentos.*

*Um exemplo do uso de comentários acontece quando, depois de se declarar perdidamente apaixonada pelo jovem que conheceu no navio, a narradora diz:*

- a) “É... Papai Noel havia me dado um presente e tanto!”

*A narradora faz um comentário positivo, pois ganhar um presente de Natal é considerado como um fato bom em nossa cultura. Essa idéia é reforçada pelo uso da expressão e tanto.*

Outro exemplo de comentário é:

b) “É, o primeiro fora a gente nunca esquece”.

Valéria diz isso depois de esperar várias horas pelo primeiro encontro com o rapaz, que não aparece. Esse comentário é interessante porque retoma a estrutura de um outro texto:

“O primeiro \_\_\_\_\_ a gente nunca esquece”.

Essa estrutura é bastante utilizada para comentar experiências positivas e marcantes, como no exemplo abaixo:

“O primeiro beijo a gente nunca esquece”.

Também foi utilizada em anúncios publicitários para comentar uma experiência positiva e marcante com um determinado produto:

“O primeiro sutiã a gente nunca esquece”.

No entanto, ela não se refere a uma experiência positiva. A ação comentada por Valéria foi uma experiência negativa (o fato de ter levado o seu primeiro “fora”). Ao empregar uma estrutura que tradicionalmente comunica significados positivos como nos exemplos:

“O primeiro beijo a gente nunca esquece”

“O primeiro sutiã a gente nunca esquece”

para fazer um comentário negativo

“É, o primeiro fora a gente nunca esquece”,

a narradora inverteu o uso tradicional dessa estrutura. Em vez de usá-la para veicular um significado positivo, ela se utiliza para veicular um significado negativo. Pode-se dizer que ela fez um comentário irônico, uma brincadeira sobre um momento infeliz pelo qual passou. Quando incorporamos outros textos à nossa fala (textos já ditos e veiculados), como Valéria fez, estamos empregando o recurso da intertextualidade, recurso muito utilizado por todos nós quando falamos ou escrevemos.

Outra marca de interação para construir a proximidade com seus leitores é a criação de diálogos entre Valéria e o seu leitor.

### **Diálogo com o leitor**

Um primeiro exemplo é:

a) “Agora você me pergunta: onde é que estava a camisinha nesta história toda? E eu respondo: não estava. Se já existia a Aids? Já sim, só que era coisa de ‘viado’, ‘grupo de risco’”.

O diálogo acontece quando Valéria dirige-se diretamente ao leitor chamando-o de você. Também quando ela simula uma situação em que o leitor perguntaria onde é que estava a camisinha nesta história toda?, ao que Valéria responde: não estava.

*Ela antecipa as perguntas que poderiam ser feitas por seu público e procura esclarecer eventuais dúvidas. Esses são exemplos do que chamamos diálogo imaginário com o leitor.*

*Um outro exemplo é o que se segue:*

**b)** *“E se você não for sensível o suficiente para entender por que neste caso ou em tantos outros as pessoas optam pelo silêncio, por favor, pare de ler esse livro”.*

*Além de se dirigir diretamente ao leitor, Valéria impõe uma condição para a continuidade da leitura, usando uma interpelação: E se você não for sensível..., pare de ler esse livro... Com isso, espera que o leitor tome uma posição: que fique ao seu lado, sem julgá-la, mantendo uma atitude de tolerância e compreensão.*

*Este apelo, feito de forma direta e definitiva, é uma estratégia de persuasão, uma forma de fazer com que o leitor estabeleça um certo tipo de interação com a obra: uma interação que privilegia a aproximação do leitor ao universo de Valéria.*

O estilo coloquial e os recursos de interação aproximam os leitores do universo da narradora. Assim, ao utilizar palavras e expressões conhecidas e construções que possibilitam o estabelecimento de um diálogo direto, ela vai, aos poucos, conduzindo o leitor para dentro de seu mundo, dando-lhe a chance de percorrer com ela tanto os cenários exteriores como a sua *paisagem interior*.

### **A construção da personagem: o namorado da Valéria**

As histórias e suas personagens ganham vida por meio da linguagem. Toda história tem suas personagens principais.

Personagens podem ser construídas de várias maneiras. A narradora recorreu a alguns recursos especiais para construir a imagem de seu namorado, personagem importante desse trecho da autobiografia (a quem foi atribuída a responsabilidade de tê-la contaminado com o vírus HIV).

Vamos analisar dois desses recursos:

- as estratégias que utilizou para caracterizar a personagem ao longo do texto, chamadas estratégias progressão referencial;
- o discurso direto.

#### ***As estratégias de progressão referencial***

*Narradores usam várias expressões para caracterizar, dar vida e forma às suas personagens. Essas expressões são responsáveis pela imagem que o leitor faz da personagem.*

*Dependendo dos propósitos do narrador e da caracterização da personagem, ela pode ser vista pelo leitor de uma forma negativa ou positiva, por exemplo. Ou pode*

suscitar no leitor sentimentos ambíguos: ser, ao mesmo tempo, amada e odiada, invejada e desprezada etc. Ou, ainda, dependendo da seleção de termos ou expressões para essa caracterização, pode ficar estrategicamente mais “apagada”.

No trecho da autobiografia, Valéria emprega certos termos e expressões para produzir uma imagem de seu namorado. Ela vai aos poucos caracterizando essa personagem. A seleção e o emprego de determinados termos e expressões para a caracterização da personagem é o que chamamos estratégia de progressão referencial. São esses termos e expressões distribuídos intencionalmente ao longo do texto que dão à personagem forma, vida, dizem de sua personalidade, de seu caráter e do modo como age e vê o mundo.

A narradora utiliza para isso três recursos que veremos a seguir:

1) O uso de expressões nominais indefinidas

Valéria poderia ter dado um nome a sua personagem, se referido a ela por sua posição social ou profissional. Mas, a primeira apresentação daquele que seria o namorado é feita da seguinte forma:

a) “E foi numa dessas, um belo dia, que eu vi *um cara* tropeçando”.

A expressão *um cara* reaparece quando seu pai fala sobre seu namorado dizendo que Valéria era:

b) “... muito nova para ficar saindo por aí com *um cara* de vinte anos”.

As expressões nominais indefinidas são basicamente formadas da seguinte forma:

Artigo indefinido	
(um, uma, uns, umas)	+ Substantivos
Um	Cara
Um	Rei

O uso de expressões como estas é muito comum no início de textos, como forma de apresentar a personagem: “era uma vez, um rei que tinha três filhas”.

No caso do texto de Valéria, o uso dessa expressão como forma de apresentar pela primeira vez seu namorado indica que ela o caracteriza de uma forma genérica. Além disso, ao selecionar o termo cara para se referir ao personagem, acaba construindo uma imagem menos marcante para aquele que viria a ser o seu namorado. Isso nos mostra a importância da escolha de termos e expressões para a designação das personagens de uma narrativa.

2) O uso do pronome pessoal “ele”

O uso de pronomes pessoais retos (ele, ela) também é uma forma muito comum de se apresentar e de se retomar as personagens de uma narrativa. Os pronomes pessoais não simplesmente substituem os nomes ao longo do texto. Em geral, possibilitam a retomada de um elemento do texto que foi mencionado previamente. No exemplo abaixo, Pedro (nome) é retomado pelo pronome ele.

Pedro saiu. Ele foi ao cinema.

No caso do trecho da autobiografia de Valéria, o uso do pronome pessoal *ele* é a estratégia mais utilizada pela narradora para a designação do namorado.

- c) “Dois dias mais tarde, *ele* me liga”.
- d) “*Ele* apagou a luz e começou a me beijar”.
- e) “Não lembro direito como começou, só sei que *ele* passou a me bater”.

Nesse caso, o uso do pronome pessoal “*ele*” não apenas serve para a retomada da personagem ao longo do texto, mas também contribui para uma identificação menos marcada do namorado, já que a narradora havia se referido a ele previamente apenas por meio da expressão “um cara”.

### 3) O uso da elipse

A elipse é uma outra estratégia para a retomada das personagens ao longo de uma narrativa. Para que não haja uma maior repetição dos elementos (expressões, termos e pronomes) que são responsáveis pela coesão do texto, podemos apagar (esconder, ocultar) o elemento, deixando-o subentendido.

- a) “[Ele] Vinha na minha casa nos fins de semana”;
- b) “... depois [ele] se arrependia, [ele] chorava, [ele] pedia desculpas e [ele] prometia que nunca mais ia se repetir”.

Sabemos que quem ia à casa de Valéria, quem se arrependia, quem chorava, pedia desculpas e prometia que não ia mais fazer aquilo era o namorado dela. Sabemos disso porque as ações que estão sendo descritas somente poderiam ser atribuídas a ele e não a outra personagem, como o seu pai ou tio.

Nesse caso, a elipse (ou o apagamento do elemento) reforça a estratégia da narradora de construir uma identificação menos marcada para seu namorado. A imagem que fica dele é a de uma pessoa que parecia não ter nenhuma característica especialmente positiva que merecesse destaque. A propósito, a narradora não lhe deu nem mesmo um nome fictício.

Certas características da personagem “namorado da Valéria” vão sendo apresentadas por meio de outros recursos. Por exemplo, no início do texto, sua ocupação e gostos são ressaltados resumidamente pelos predicados “estava terminando a faculdade” e “gostava de surfar”. Mais adiante, ocorre uma apresentação positiva por meio de outra predicação bastante genérica: “era legal”.

No entanto, a imagem da personagem fica mais definida quando se entra em contato com suas falas, expressas em discurso direto, que são bastante destacadas neste trecho da autobiografia.

### **O uso do discurso direto**

A narrativa autobiográfica de Valéria é construída a partir de suas lembranças. Quando se contam histórias pessoais ou sobre os outros, freqüentemente recorre-se ao discurso direto para dar voz a outros pontos de vista.

O discurso direto é um recurso que abre um espaço para que a fala de uma ou várias pessoas apareçam sem intermediação. O discurso direto busca representar de maneira fiel e mais direta possível o que e como as pessoas disseram.

Nesse trecho da autobiografia, a narradora mescla seus relatos com diversos diálogos, onde as falas das personagens (ela, o pai, o namorado, a amiga etc.) aparecem tais como teriam sido ditas. Estes diálogos são reconstruídos a partir de suas lembranças sobre o que teria sido dito em uma determinada situação. Um exemplo de discurso direto:

- a) “ – Filha, acho melhor você ir dormir, porque ele não vem.  
– Vem sim, pai!”

O trecho anterior mostra o que seu pai teria falado naquela ocasião em que ela estava esperando pelo rapaz. Mostra também o que ela teria respondido.

No primeiro capítulo da autobiografia, a personagem com quem ela mais dialoga é o namorado. Ao colocar certas palavras na boca de seu namorado, a narradora constrói uma determinada imagem para essa personagem. A primeira fala que é atribuída ao namorado de Valéria é a seguinte:

- b) “Acho que já tá na hora da gente transar, afinal, já são mais de seis meses de namoro. Eu não sou mais moleque e já estou me chateando com essa história”.

Um outro exemplo é o diálogo que acontece entre ele e Valéria depois que ele acaba de ter a primeira relação sexual com ela:

- c) “Quer dizer que já acabou? É isso que é transar?  
– Ih... Você não vai começar a chorar agora, né?  
– É que eu pensei...  
– Pode ir parando que agora já foi”.

A imagem da personagem construída por essas falas não é positiva.

Em função de uma série de questões culturais que envolvem a relação de gênero (entre homens e mulheres), como, por exemplo, o pressuposto de que o homem deve cuidar da mulher, atribui-se ao homem um papel especial no momento da primeira relação sexual de uma mulher. Assim sendo, espera-se que, nesse momento, o homem se comporte de uma maneira sensível e delicada.

No entanto, tanto as falas como as atitudes do namorado de Valéria contrariam este pressuposto. Revelam uma outra maneira de ver essas questões: que o papel natural da mulher é o de atender ao desejo sexual de seu parceiro. Na visão da personagem, nem os sentimentos nem a vontade de Valéria precisavam ser considerados. Bastavam a vontade e o desejo dele.

As falas do namorado revelam esta última visão sobre as relações entre homens e mulheres. Mostram que, por razões diversas, muitas pessoas concordam com o fato de que as relações de gênero também são fundadas no princípio da dominação da mulher pelo homem.

Numa perspectiva que considere as relações entre homens e mulheres como necessariamente abertas e igualitárias, as falas da personagem acabam por construir uma imagem negativa para ele: a de um homem insensível, dominador e bruto.

## A construção da personagem principal: Valéria

A autobiografia é escrita em primeira pessoa (eu) e, portanto, a principal personagem desta narrativa é a pessoa que escreve, Valéria. Um exemplo é o trecho abaixo:

“Bem, deixe-me pensar. O que eu sei sobre sexo? Tudo, oras, minha mãe leu para mim o livro De onde vêm os bebês quando eu tinha uns cinco anos. Nas aulas de ciências já aprendi sobre o espermatozóide, o óvulo, a vagina e o pênis. Na televisão já vi todas aquelas cenas românticas e até uns filmes nacionais mais picantes. Pronto, agora é só bater tudo num liquidificador e aí está uma relação sexual”.

Isso não quer dizer que não haja um afastamento entre a Valéria pessoa e a Valéria narradora. A imagem do narrador também é resultado de uma construção por meio de recursos de linguagem. Escolhemos dois destes recursos para comentar:

- as predicções presentes no texto que possibilitam a construção de uma certa imagem de Valéria para o público-leitor;
- o diálogo interior que a personagem trava consigo mesma, por meio de perguntas e comentários.

### As predicções

*Se as expressões referenciais são importantes para a construção da imagem da personagem, também é muito importante para essa construção aquilo que se diz sobre a personagem; aquilo que se predica sobre ela: o que se atribui a ela, o que resulta de sua ação, o que caracteriza seu comportamento etc.*

*Na primeira linha do trecho da autobiografia, Valéria é apresentada da seguinte maneira:*

- a) “No Natal de 1986 eu tinha quinze anos...”.

*O trecho acima grifado é denominado predicado. Não é à toa que a primeira característica de Valéria ressaltada é a idade, logo no início do texto. Esta forma de caracterizar a personagem, por meio de um predicado que informa sobre sua idade, inicia a construção da imagem que a narradora Valéria quer produzir de si mesma para o público-leitor: a de que ela era uma menina quando tudo aconteceu.*

*Essa imagem de jovem inexperiente é reforçada, logo em seguida, quando a narradora nos conta sobre seu estado depois de alguns papos com o cara que havia encontrado no navio; ela*

- b) “... já estava perdidamente apaixonada”.

*Esta informação nova, de que ela se apaixonou perdidamente e em tão pouco tempo pelo “cara”, combina com as atitudes consideradas comuns a meninas que*

*pertencem a determinados grupos sociais e determinada faixa etária. Isto só reforça a imagem de menina que vem sendo construída para a personagem desde o início do texto.*

*Ainda nessa primeira parte do texto, ao contar o primeiro "fora" que levou, a narradora diz:*

**c)** "Me arrumei toda e *fiquei sentadinha*, esperando".

*O fato de ter sido atribuída à personagem a ação de "ficar sentadinha" lembra um tipo de fala, dirigida a crianças, que se caracteriza pela presença de sufixos diminutivos "inho/inha", como em "fique sentadinha aí". Esta predicação sobre a personagem somente reforça a caracterização que vinha sendo feita, associando sua imagem mais diretamente com a de uma criança.*

*Mais adiante, Valéria lembra uma opinião de seu pai que achava que ela*

**d)** "era *muito nova* para ficar saindo por aí como um cara de vinte anos".

*Todas estas predicções contribuem para construir uma imagem de Valéria como uma menina ingênua, inexperiente, que está apenas começando a aprender com as experiências da vida.*

A imagem construída para Valéria no início de sua autobiografia e os recursos utilizados são coerentes com um dos objetivos da narradora, que é o de mostrar o seu crescimento individual, a sua trajetória em busca de amadurecimento.

Vamos a outro recurso que colabora para esta construção da personagem.

### **O diálogo interior**

*O diálogo interior também contribui para a construção da imagem de Valéria. Por meio desses diálogos, a narradora permite que o leitor acompanhe suas reflexões, sua trajetória e as transformações pelas quais está passando. Vejamos os exemplos abaixo:*

**a)** "E agora, o que é que eu faço? Será que eu já estou preparada? Se eu não transar com ele, aposto que vai embora. Talvez ele tenha razão, já está na hora. Bem, deixe-me pensar. O que eu sei sobre sexo? Tudo, oras, minha mãe leu para mim o livro *De onde vêm os bebês* quando eu tinha uns cinco anos. Nas aulas de ciências já aprendi sobre o espermatozóide, o óvulo, a vagina e o pênis. Na televisão já vi todas aquelas cenas românticas e até uns filmes nacionais mais picantes. Pronto, agora é só bater tudo num liquidificador e aí está uma relação sexual".

**b)** "Então é isso... Nós já transamos. Mas como pode? Cadê o vinho, a lareira? Não é nada daquilo que eu esperava. Pára tudo! Que estranho, que droga, que horrível! Por que é que ninguém me explicou que era desse jeito? E que negócio é este de ficar me lambendo? É isso que é sexo oral?"



Um dos principais propósitos da narrativa autobiográfica de Valéria é o de mostrar as modificações na sua "paisagem interior".

Assim, nada mais adequado do que o diálogo da personagem com ela mesma para mostrar as reflexões que ela vai fazendo. Este diálogo interior foi construído, na maioria das vezes, em forma de perguntas feitas para si mesma. Esses questionamentos produzem um efeito no leitor: o de que ele está acompanhando o processo de crescimento e de amadurecimento da personagem, por meio de um acesso direto aos seus pensamentos, às suas dúvidas, inquietações e respostas.

### **O que é Aids?**

A Aids é a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida. É uma infecção causada pelo HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana) que enfraquece as defesas do organismo, deixando-o frágil e expondo-o a doenças que podem levar à morte; as chamadas doenças oportunistas. Representa um problema de saúde pública de grandes dimensões. Atinge milhares de pessoas, na sua maioria jovens em seus anos de maior produtividade.

A Aids, propriamente dita, é somente a fase mais avançada e mais grave da infecção pelo HIV. A infecção pelo HIV não tem cura, mas tem tratamentos cada vez mais eficazes que garantem ao soropositivo (portador do HIV) uma sobrevivência com maior qualidade. Logo, o teste anti-HIV não equivale a uma sentença de morte.

No Brasil, embora o Ministério da Saúde contabilize, até dezembro de 2001, 600 mil casos de Aids, estima-se que quase 1 milhão de pessoas tenha o vírus, pois uma grande parte não sabe que está contaminada. Somos o terceiro entre os países que detêm o maior número de contaminações no mundo, antecedido apenas pelos Estados Unidos e Quênia.

Mais de 59% dos 5.507 municípios brasileiros já notificaram casos de Aids. A maior taxa de crescimento está sendo registrada em cidades com menos de 50 mil habitantes. Setenta por cento dos casos são registrados na faixa etária entre 20 a 39 anos. A Aids é a quarta causa de morte no Brasil entre as pessoas de 20 a 49 anos.

Embora existam campanhas de prevenção e educação para o HIV/Aids, elas não atingem toda população e a falta de informação ainda é a causa de muitos casos de contaminação e atitudes discriminatórias com os portadores de HIV/Aids.

A discriminação e a violação de direitos dos portadores concretizam-se no isolamento e na segregação, atingindo o ambiente familiar, o escolar, o profissional e outras esferas da vida.

### **Como se dá a transmissão do vírus**

O HIV, vírus da Aids, pode ser transmitido pelo sangue, esperma, secreção vaginal e pelo leite materno. Sabendo disso, você pode conviver com uma pessoa portadora do HIV. Pode beijar, abraçar, dar carinho e compartilhar do mesmo espaço físico, sem ter medo de pegar o vírus. O convívio social é muito importante para o aumento da auto-estima das pessoas que estão contaminadas pelo HIV e faz com que elas cuidem melhor da saúde.

Assim pegam

Sexo na vagina

Sexo anal sem

Sexo oral sem

Uso de seringas

Transfusão de

Da mãe infectada  
a gravidez, no

Instrumentos que  
não esterilizad

Fonte: Saúde e  
Global: (Ação E

(Adaptado de C  
Ceará). Fonte: <  
organizado por  
perspectivas. C  
Ceris/Mauad, 2

# SE É PARCEIRO, USA CAMISINHA.

Pegue sua camisinha nos **Centros de Saúde**.  
Informações ligue grátis: **0800 61 1997**



Cartaz do Ministério da Saúde, Campanha Carnaval 2002 ([www.saude.df.gov.br](http://www.saude.df.gov.br)).

## Assim pega:

Sexo na vagina sem camisinha

Sexo anal sem camisinha

Sexo oral sem camisinha

Uso de seringa por mais de uma pessoa

Transfusão de sangue contaminado

Da mãe infectada para seu filho durante a gravidez, no parto e na amamentação

Instrumentos que furam ou cortam não esterilizados

## Assim não pega

Sexo desde que se use corretamente a camisinha

Masturbação a dois

Sabonete, toalha, lençóis, roupas, talheres e copos

Pelo ar, pela tosse, espirro, suor e lágrima

Picada de inseto

Beijo no rosto ou na boca e aperto de mão ou abraço

Assento de ônibus, piscina, sauna, banheiro

Doação de sangue

Fonte: *Saúde e qualidade de vida*, de Marina Valadão. (Coleção Viver, aprender) São Paulo: Global: (Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação, 2003. p. 133.

(Adaptado de Cartilha Cidadã, produzida pelo Gapa/CE (Grupo de Apoio à Prevenção à Aids – Ceará). Fonte: <<http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/aids/cartilh/index.html>> e do livro organizado por Cláudio Moser e Daniel Rech: *Direitos Humanos no Brasil: diálogos e perspectivas*. Olhar dos parceiros do Misereor. Coletânea Ceris, ano 1, n. 1. Rio de Janeiro: Ceris/Mauad, 2003, p. 199-205.)

# Roteiro de atividades

## Explorando o universo textual: Um navio, um naufrágio

1. Nesta narrativa, Valéria conta como contraiu Aids do namorado. Com base em tudo o que leu até aqui, explique como o namorado dela pode ter sido contaminado pelo vírus.
2. As predicções são importantes para a construção da imagem da personagem: aquilo que se diz sobre a personagem, aquilo que se predica sobre ela, o que se atribui a ela, o que resulta de sua ação, o que caracteriza seu comportamento. Retire do texto predicções sobre o namorado de Valéria que colaboraram para a construção de uma determinada imagem para essa personagem.
3. Tendo como referência a última parte do trecho da autobiografia que lemos, escreva um texto breve descrevendo como ficou a cabeça de Valéria quando sua família descobriu que ela apanhava do namorado. Procure se basear nas descrições feitas por ela mesma sobre seu estado de espírito e use palavras e expressões semelhantes àsquelas usadas por Valéria para falar de si mesma.

## Texto em debate

1. O trecho da história de vida de Valéria conta sobre seu envolvimento amoroso com o rapaz com quem teve a primeira relação sexual. Faça um debate informalmente com seus colegas de sala sobre como ocorreu esse fato, com outras pessoas que leram esta história. Discutam sobre:
  - a) Porque ainda há tanta desinformação e falta de diálogo sobre a questão da sexualidade entre os jovens.
  - b) As conseqüências da desinformação na vida das pessoas (gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis, traumas psicológicos etc.).

Para preparar essa conversa, use como referência seus conhecimentos de mundo e as informações dos textos complementares ao final desta unidade.

2. Valéria relata como o seu relacionamento foi se transformando com o tempo: no início,

“Ele era legal, me tratava bem, me enchia de presentes. Vinha na minha casa nos fins de semana, a gente ia numa lanchonete, assistia a um filme... Um típico namorinho burguês”.

Depois que eles tiveram a primeira relação sexual, Valéria aponta uma modificação mais radical no comportamento do namorado:

“O namoro foi continuando e, aos poucos, comecei a me sentir sufocada. Já não podia mais sair com meus amigos, não tinha mais tempo de estudar e cada vez que eu olhava para o lado era briga na certa. Não lembro direito como começou, só sei que ele passou a me bater. Um dia era um tapa porque eu havia recebido cartas de um primo; outro dia era um soco porque eu olhava para outro cara na rua; e no final ele já estava me espancando por qualquer coisa. Lá em casa ninguém sabia; ao contrário, todo mundo achava ele um santo. Eu vivia nervosa, já não dormia mais. Tentava falar com ele e terminar tudo, mas ele virava um bicho e me batia ainda mais depois se arrependia, chorava, pedia desculpas e prometia que aquilo nunca mais ia se repetir. Durante alguns dias ficava tudo calmo, era difícil acreditar que era a mesma pessoa. Mas depois, começava tudo outra vez, cada dia mais violento, ameaçava matar meus pais e depois queria transar”.

Este último trecho mostra como a relação amorosa pode estar envolta num cenário de violência do homem contra a mulher. É um problema que ocorre em todas as classes sociais.

Converse com seus colegas sobre o tema. Organize um momento especial para realizar o debate:

**a)** Leia os textos complementares sobre a questão da violência contra a mulher.

**b)** Faça uma pesquisa sobre a violência do homem contra a mulher.

Pergunte informalmente a amigos e vizinhos. Tome nota das respostas:

- veja se eles conhecem casos em que o homem submete constantemente sua esposa, companheira ou namorada a constrangimentos morais e sofrimentos físicos;
- pergunte se eles têm uma opinião sobre porque isso acontece e se fazem alguma coisa para evitar e se sabem dizer como se sentem as pessoas que estão envolvidas nesse círculo de violência e medo.

**c)** Pesquise ainda se há, em seu bairro ou cidade, órgãos governamentais ou entidades civis que desenvolvam algum tipo de trabalho em relação ao problema da violência contra a mulher. Descreva o que fazem para proteger as mulheres deste tipo de agressão.

- d)** Formule uma opinião a respeito do tema “a violência contra a mulher”. Usando a autobiografia de Valéria, e os textos abaixo, escreva uma breve reflexão sobre as seguintes perguntas:
- há muitas histórias de violência contra a mulher? Quais seriam as causas dessa violência?
  - como se sentem as mulheres agredidas? Por que elas ficam em silêncio?
  - o que a sociedade está fazendo para diminuir esse tipo de violência?
  - como posso contribuir para diminuir o problema?
- e)** Apresente suas opiniões para os colegas. Discutam sobre os diferentes resultados a que chegaram.

### Produzindo textos

- 1.** Valéria pegou Aids porque “transou sem camisinha”. Contrair uma doença como a Aids pode acontecer com qualquer pessoa. A contaminação não ocorre apenas por uma questão de irresponsabilidade (a doença pode ser contraída em uma transfusão de sangue, por exemplo). No caso de Valéria, a transmissão do vírus ocorreu devido à falta de informação.
- Com base no que leu até agora, e em estudos sobre esta temática que já tenha feito, produza uma dissertação, que trate do seguinte tema: Os soropositivos enfrentam problemas como rejeição em casa e no trabalho, isolamento e solidão. As discriminações sofridas por essas pessoas podem ocorrer em diversos âmbitos de vida: na família, no trabalho, nas relações interpessoais (grupos de amigos, com seu ou sua companheira etc.), principalmente pela desinformação que ainda se tem sobre a doença e sobre as formas de contágio.
- Para isso, siga as seguintes orientações:
- a)** O objetivo de seu texto é o de denunciar às pessoas da comunidade onde vive as discriminações e os problemas enfrentados por portadores do vírus HIV, comentando como isso ocorre e que soluções podem ser encontradas para lidar com esta problemática.
- b)** Aborde o tema em subtópicos e crie exemplos para cada um deles. Comente inicialmente sobre a discriminação e dificuldades que um cidadão portador do vírus HIV pode enfrentar na família; depois no trabalho; e, por último, nas relações interpessoais.
- c)** Explique as razões para que essas atitudes discriminatórias ainda prevaleçam nesses âmbitos.

- d)** Ao final de cada subtópico, esclareça sua posição (o que você acha) em relação às atitudes discriminatórias sofridas nesses âmbitos.
- e)** Um texto dissertativo tem um caráter persuasivo, no qual posições são expostas e sustentadas por argumentos elaborados por você ou por outras pessoas. Observe se suas posições em relação ao tema e em cada subtópico estão claramente colocadas, se usou argumentos para sustentá-las e se as reforçou com informações sobre o assunto.
- f)** Conclua seu texto, propondo soluções para o problema da discriminação e sugerindo atitudes que podem ser tomadas para enfrentá-lo.
- g)** Dê um título para sua dissertação que informe os leitores sobre o tema e introduza a posição que será defendida.

Avalie sua produção com colegas de turma, seu professor ou outros amigos. Peça para que digam se seu texto alcançou o objetivo definido, se suas posições estão expressas de modo claro e se os convencem, se concordam ou não tanto com suas posições e argumentos defendidos como com as propostas e soluções que ofereceu ao problema.

# Respostas

## Explorando o universo textual: Um navio, um naufrágio

1. Pelas pistas fornecidas nos textos, o namorado de Valéria pode ter se contaminado com o vírus da Aids em função do uso de drogas injetáveis. Mas também não se descarta a possibilidade de ele ter mantido relações sexuais sem camisinha.
2. Algumas predicções que colaboram para que se construa a imagem do namorado de Valéria como um sujeito violento e ameaçador são:  
“... e no final, ele já *estava me espancando por qualquer coisa*”.  
“... *ameaçava matar meus pais*.”  
“... ele *virava um bicho e me batia ainda mais*”.  
“... ele *liga pra minha casa e diz as maiores barbaridades*”.  
“... ele *usava drogas*”.  
“... ele *continuou me perseguindo por mais ou menos um ano*”.
3. Valéria morria de vergonha de tudo o que tinha acontecido e não contava a verdade para seus amigos. Ficou abalada, nervosa e com muito medo por conta da perseguição que o ex-namorado lhe fazia, mesmo depois de tudo terminado. Durante muito tempo, ficou quieta, porque se sentia culpada, achava que merecia ter passado por tudo aquilo.

### **Violência contra mulher**

“A ‘violência contra a mulher’ se refere a qualquer ato de violência, que tem por base o gênero, e que resulta em dano ou sofrimento de natureza física, sexual ou psicológica, inclusive, a ameaça, a coerção ou a privação arbitrária de liberdade, quer se produzam na vida pública ou privada. Por conseguinte, a violência contra a mulher pode assumir, entre outras, as seguintes formas:

- a) A violência física, sexual e psicológica que ocorre na família, inclusive, as sevícias, o abuso sexual das meninas no lar, a violência relacionada com o dote, a violência por parte do marido, mutilação genital e outras práticas tradicionais que atentam contra a mulher, a violência exercida por pessoas outras que o marido e a violência relacionada com a exploração.
- b) A violência física, sexual e psicológica no nível da comunidade em geral; inclusive, as violações, os abusos sexuais, o assédio e a intimidação sexuais no trabalho, em instituições educacionais e em outros ambientes, o tráfico de mulheres e a prostituição forçada.
- c) A violência física, sexual e psicológica perpetrada ou tolerada pelo Estado, onde quer que ocorra”.

---

Trecho da *Cartilha para a mulher em situação de violência*, produzida pelo SOS Violência & Mulher, 03.08.1998. (Fonte: <<http://wmulher.com.br>>.)

### **Violência doméstica, um crime silencioso**

*“Sou mulher, cidadã e advogada. É incabível permanecer no silêncio e fingir que nada ocorre ao seu lado. É algo repugnante!”*,  
Dra. Claudia Matsuda.

Na Semana da Mulher, normalmente falamos de conquistas e desafios vencidos pelas mulheres, falamos de poesias e as belezas do universo feminino, falamos das maravilhas da vida e de como as mulheres mudaram seus papéis na sociedade. Sim, essas coisas são válidas e relevantes. Só que não podemos esquecer daquelas que ainda são vítimas da pior violência possível... a doméstica.

Se abordar esse assunto já é complicado, imagina trabalhar para ajudar as mulheres que sofrem com a violência dentro de casa. É o caso da advogada do Rio de Janeiro, Claudia Matsuda, que há cinco anos se dedica



à pesquisa sobre violência doméstica. Como resultado ela dá diversas palestras junto à comunidade.

Claudia alerta a sociedade sobre a falta de campanhas que possam ajudar as vítimas. “Muitas mulheres não têm acesso a nada, vivem em constante cárcere privado, sob tortura, ameaças, medo e não podem chegar até as informações externas, então a televisão é o melhor meio de se chegar até elas e dizer ‘existe ajuda’”, diz Claudia.

Quando Claudia resolveu encarar essa luta, sabia que era um grande desafio, já que teria que entrar em um assunto que se esconde no íntimo da família. “Foi uma decisão muito séria e não utópica, com consciência e sabedoria de que enfrentaria todos os obstáculos, assumindo riscos e preconceitos daqueles que acham que tudo o que é relacionado à família tem que seguir o velho ditado popular: ‘briga de marido e mulher, não se mete a colher’”, completa Claudia.

WM – Como você decidiu ajudar as mulheres vítimas de violência doméstica?

Claudia – Quando era estagiária comecei a me interessar pelo assunto, porque atendia várias mulheres que me relatavam seus problemas e buscavam soluções. Estavam sempre amedrontadas, não queriam compartilhar os problemas com parentes próximos e também não queriam que seus maridos soubessem. Muitas buscavam orientação para se separar, outras desejavam saber como proceder numa delegacia quando fossem agredidas e assim por diante. Percebi que não havia nenhum lugar que pudesse dar um apoio concreto a essas mulheres; então ficavam vagando na sombra do medo e do desamparo da sociedade.

WM – Qual é a principal “barreira” que há entre o agressor e a vítima?

Claudia – Permaneci em contato direto com ambos (vítima e agressor) e percebi que, em alguns casos, aparentemente vivem em extrema harmonia e paz. Casais altamente perfeitos, independente de classe social, mas, num piscar de olhos, o agressor não economiza tapas e socos, além das pressões psicológicas constantes e as ameaças e torturas. Isso transforma a vítima numa ostra e, como está amedrontada, não faz nada. Ela sabe que se falar algo pior irá acontecer, o medo da impunidade a leva a um estágio de congelamento ao olhar para vítima. Até parece que ela vive num estágio de estagnação corporal, gélida e com olhos arregalados. A

- existência de uma barreira entre vítima e agressor é invisível aos olhos da sociedade.
- WM – Quando uma mulher deve procurar uma delegacia de mulheres?
- Claudia – O certo seria quando ela fosse ameaçada pela primeira vez. Mas muitas não dão valor a isso.
- WM – Qual é a primeira coisa que uma mulher agredida deve fazer?
- Claudia – Se conseguir sair de casa, buscar ajuda na delegacia mais próxima de casa, de preferência de mulheres. Caso contrário, procurar ajuda entre parentes próximos, amigos ou até mesmo vizinhos. O que não pode fazer é ficar sem buscar ajuda, pois, infelizmente, ela tem que demonstrar que precisa de ajuda. Pois é um crime de difícil acesso, já que ocorre entre quatro paredes. Mas para ser ajudada, é preciso dar o primeiro passo.
- WM – Uma mulher que denuncia o agressor, qual é o tipo de proteção que ela recebe?
- Claudia – Hoje, existe um lugar de proteção às mulheres vítimas de violência doméstica, mas não abrange todos os bairros e nem todas as localidades. Muitas vezes, ao denunciar, as vítimas saem de casa e ficam morando com parentes próximos ou vizinhos. Em alguns casos, elas esperam conseguir um emprego e depois saem de casa. As delegacias não possuem funcionários suficientes que possam permanecer 24 horas com a vítima. É algo que deve ser alertado.
- WM – Como você costuma proceder em relação ao agressor?
- Claudia – Geralmente, o agressor é o marido ou pai. Sem que saibam que fui procurada pela vítima, solicito o comparecimento deles para atendimento jurídico e procuro observar suas atitudes. Logo em seguida, encaminho para os alcoólatras ou narcóticos anônimos; é um processo meio lento, mas já consegui obter sucesso. É o único meio que encontrei para ajudar; como já disse, não há um apoio às famílias vítimas de violência doméstica, abrangendo tanto a vítima quanto o agressor.
- WM – Qual é a principal causa das agressões?
- Claudia – Em muitos casos, as causas das agressões são o álcool e/ou as drogas. Isso leva o indivíduo a atitudes desconhecidas, muitas mulheres falam: quando “ele” não bebe, “ele” é um bom pai ou um bom marido.

- WM – O que as mulheres devem saber para evitar a violência dentro de casa?
- Claudia – A violência dentro de casa é um dos crimes mais perigosos que uma sociedade pode enfrentar, porque é silencioso. Para evitá-lo, é necessário que a mulher passe a observar o comportamento de seu companheiro. Se ele já é uma pessoa nervosa e irritada, as probabilidades de cometer uma agressão são grandes. Mesmo que ele seja calado e calmo, a mulher deve sempre procurar conhecer seu parceiro, se ele tem vícios e se é ciumento – aconselho que não haja provocações.
- Procurar sempre conversar com os filhos de uma forma amigável, pois se ocorrer alguma violência em relação a eles, que possam dizer sem medo; porque, em muitos casos, os filhos sofrem violência sexual do pai. Evitar a violência doméstica é algo que depende de um contexto familiar, por isso quanto mais esta mulher estiver informada sobre o que venha a ser isso, há mais chances dela evitá-la.
- WM – Na sua opinião, o que é mais difícil para uma mulher, vítima de agressão, recomeçar a vida?
- Claudia – Normalmente, são mulheres de baixa renda que só trabalham no lar e não têm experiência profissional; então ao enfrentar o problema, ela prefere apanhar a ficar na rua e passar fome. Muitas mulheres têm filhos que também sofrem violência. A maior dificuldade é a falta de emprego; muitas não conseguem mais se adequar à sociedade. Não há uma ajuda para reintegrar as mulheres na sociedade, dando-lhes um apoio social, psicológico e econômico.
- WM – Algum recado final para nossas leitoras?
- Claudia – Prezadas amigas, não permaneçam no silêncio. Denuncie o agressor e procure ajuda. Com certeza, em sua comunidade sempre haverá pessoas que estão nesta luta com você. Sabemos que os meios de comunicação desempenham um papel crucial no combate à violência doméstica, mas enquanto não há uma campanha, vamos juntas fazer o nosso papel: diga às mulheres: “DENUNCIE O AGRESSOR”.

---

Trechos da entrevista concedida pela Dra. Claudia Matsuda à jornalista Mariana Sayad. (Fonte: <<http://wmulher.com.br>>.)

## BIOGRAFIA

### Contextualizando o texto

O livro *Jorge Amado: um baiano romântico e sensual* é uma biografia de um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos. Escrito por sua esposa, Zélia Gattai, a obra narra a história de vida de Jorge Amado a partir da perspectiva pessoal de Zélia e dos filhos do casal, Paloma e João, que também participam da obra.

O livro é composto de três relatos que têm como pano de fundo o exercício da amizade. Por meio do entrelaçamento da vida privada e da vida pública de Jorge Amado, é possível conhecer suas relações afetivas, familiares, profissionais e políticas.

A obra trata do universo familiar e pessoal do escritor: o início do relacionamento amoroso com Zélia, as viagens, a convivência familiar. Relata a vida do casal na época em que moraram fora do Brasil, as homenagens recebidas e as histórias engraçadas sobre o dia-a-dia do escritor.

Jorge Amado era um intelectual engajado e de grande expressão. Sua vida sempre esteve atrelada a eventos políticos e culturais, fatos que também são descritos ao longo da biografia.



Jorge Amado e Zélia Gattai (João Jorge Amado, Paloma Jorge Amado e Zélia Gattai Amado, *Jorge Amado, um baiano romântico e sensual*, Rio de Janeiro, Record, 2002).

## **Duas personagens principais deste relato de amor: Jorge Amado e Zélia Gattai**

Jorge Amado foi jornalista, romancista e memorialista. Nasceu em Itabuna, Bahia, e faleceu em agosto de 2001 em Salvador. Formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais no Rio de Janeiro.

De forte atuação política, era membro do Partido Comunista Brasileiro. Foi Deputado Federal pelo Estado de São Paulo em 1945 e participou da Assembléia Constituinte de 1946. Durante o período getulista (1930-1945), exilou-se na Argentina e na Europa.

Escritor mundialmente reconhecido, recebeu prêmios de literatura em vários países. O primeiro livro, *Lenita*, foi publicado em 1930. Teve sua obra traduzida para 48 idiomas. Várias publicações foram adaptadas para o rádio, cinema, televisão e quadrinhos.

Jorge Amado é o autor mais lido no Brasil. Estima-se que o conjunto de sua obra já vendeu 30 milhões de exemplares. A militância política ligou toda sua vida ao povo brasileiro e aos problemas sociais e econômicos do país.

Algumas das obras mais importantes de Jorge Amado são: *O país do carnaval*, 1931; *Cacau*, 1933; *Jubiabá*, 1935; *Mar morto*, 1936; *Capitães de areia*, 1937; *Terras do sem fim*, 1943; *Gabriela, cravo e canela*, 1958; *A morte e a morte de Quincas Berro d'Água*, 1961; *Dona Flor e seus dois maridos*, 1966; *Tenda dos milagres*, 1969; *Teresa Batista cansada de guerra*, 1972; *O gato Malhado e a andorinha Sinhá*, 1976; *Tieta do Agreste*, 1977; *Tocaia grande*, 1984; *Navegação de cabotagem*, 1992.

Zélia Gattai nasceu em São Paulo em julho de 1916. Ao longo da vida, tornou-se amiga de importantes intelectuais como Oswald de Andrade, Paulo e Aparecida Mendes de Almeida, Vinicius de Moraes e Tarsila do Amaral. Seu pai fez parte de um grupo de imigrantes italianos que tinha o objetivo de criar uma comunidade anarquista no Brasil.

Seu primeiro marido foi o intelectual e militante Aldo Veiga. Depois de alguns anos separada de Veiga, Zélia casou-se com o escritor Jorge Amado. No final da década de 1940, por conta da conturbada situação política do Brasil, Zélia viajou para a Europa para encontrar-se com Jorge, que já estava no exílio. Lá travou contato com grandes personalidades como Pablo Neruda, Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Paul Éluard, Picasso e Ilya Eremburg.

Zélia iniciou sua produção literária em 1952, após retornar ao Brasil. O primeiro livro, *Anarquistas graças a Deus*, foi lançado em 1979 no Rio de Janeiro. Depois, surgiram outras obras: *Um chapéu para viagem* (1982); *Pássaros noturnos do Abaeté* (1983); *Reportagem incompleta* (1987); *Jardim de inverno* (1988). Também é autora de livros destinados ao público infantil: *Pipistrelo das mil cores*, 1989; *O segredo da rua 18*, 1991 e *Jonas e a sereia*, 2000; do livro de memórias *Chão de meninos*, 1992, do romance *Crônica de uma namorada*, 1995 e das obras *A casa do rio vermelho*, 1999; *Città dí Roma*, 2000; *Códigos de família*, 2001 e *Jorge Amado, um baiano romântico e sensual*, 2002.

## **Ai que saudades de Jorge!**

Zélia Gattai Amado

*Ai que saudades de Jorge! Início um novo livro e onde está o entusiasmo de sempre, aquela alegria, aquela garra? Só me ocorre repetir um verso de Neruda, apenas uma frase: "A noite está estrelada e ele não está comigo..."*

*Quem me vê sorridente, bem-disposta, nem de longe imagina o que vai aqui por dentro. "Você está ótima, você é forte", me dizem. "Vá atrás disso", penso.*

*No início do ano 2000, doente, abatido, ainda assim Jorge comemorou comigo os 55 anos de nosso amor, 55 anos de nosso primeiro encontro. Verdade seja dita, apenas ele me viu pela primeira vez em maio de 1945. Eu o vi, de longe, meses antes. Segundo ele sempre confessou, ao pôr os olhos em mim, o clima rolou em seguida: rolou o clima quem diz sou eu agora, recatada; ele falava em tesão.*

*Festejamos mais de meio século de amor naquele mês de maio de 2000. Eu vi Jorge antes de ele me ver, no Teatro Municipal, no início de 1945, na abertura do I Congresso Brasileiro de Escritores, no qual ele presidia a delegação baiana.*

*Admiradora do escritor, ao saber que ele participaria do congresso, toquei-me para o Municipal e, acanhada, em meio a tanta gente importante que lotava o teatro, sentei-me lá atrás, recolhida na minha timidez, só observando.*

*Ao longe, eu o vi cercado de gente, sobretudo de mulheres, belas, cultas e charmosas. Conhecia algumas delas, de jornais e revistas.*

*Sentada estava, sentada fiquei. Quem era eu para me aproximar da celebridade? Não era intelectual, não possuía credenciais, nem mesmo coragem para me apresentar e dizer-lhe ser uma leitora encantada de seus livros, admiradora de sua valentia – poderia até falar de seu heroísmo, dizer exatamente o que eu achava dele, um herói, mas não me aproximei, não tive coragem. Fui embora depois de ouvir sua intervenção. Ave-maria! Como falava bem! Que orador entusiasta! Quanto charme!*

*Voltei a vê-lo, dias depois, num coquetel que lhe oferecia a Livraria Civilização Brasileira. Arrastei Wanda, minha irmã, comigo. Ainda nesse dia não tive vez. Só vi Jorge Amado a distância, como sempre rodeado de gente, sobretudo mulheres belas e elegantes.*

*Encontrei, nesse coquetel, meus amigos Paulo Mendes de Almeida e Aparecida, sua mulher. Íntimos de Jorge Amado, me contavam tudo sobre o jovem escritor que os visitava sempre que chegava a São Paulo.*

*Jorge achava-se ilegalmente entre nós. Viera da Bahia, onde fora confinado, havia dois anos, proibido de sair da sua cidade sem autorização da polícia, sob pena de voltar para o xadrez, coisa que ele conhecia demais e não gostava, claro.*

*Estivera dois anos exilado na Argentina e no Uruguai, depois de ser preso por suas idéias políticas, sua luta pela liberdade de pensamento e contra o nazifascismo.*

*Seus livros – Capitães da areia, Mar morto, Jubiabá, Cacau, suor e país do carnaval – haviam sido queimados em praça pública, com ata oficial, na Bahia e em São Paulo e proibidos de serem vendidos.*

*Naqueles anos de ditadura, quem fosse apanhado lendo um livro de Jorge Amado era fichado de comunista e cadeia com ele. A liberdade de ação e de pensamento era cerceada e ai de quem ousasse abrir a boca!*

*Em 1939, meu pai, na sua ingênua honestidade, abriu a boca e foi preso, morrendo em consequência de torturas sofridas. Papai não tinha compromisso partidário, mas ousava ser contra a falta de liberdade, protestava falando de sua revolta contra as arbitrariedades e violências reinantes. Fora ouvido por um alcagüete – dedo-duro era o que não faltava na época – e denunciado.*

*Aos 54 anos, ao morrer, ainda lhe restando um fio de voz, papai me disse:*

*– Minha filha, você é minha esperança...*

*A confiança que papai depositara em mim e a revolta de vê-lo morrer de tal maneira despertaram-me o desejo de lutar contra a ditadura e as injustiças sociais. Não perdia passeatas reivindicativas, estava em todas.*

*A guerra nazifascista, conflito que destruíra cidades inteiras da Europa, que matara milhões de inocentes, que levava os nossos pracinhas a lutar e a morrer na Itália, chegava ao fim. Mussolini já estava liquidado, Hitler estrebuchava em seus últimos estertores.*

*Em 1943 a notícia caiu como uma bomba: a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial e o encontro de Roosevelt com Getúlio Vargas em Natal. O governo brasileiro acabava de apoiar as forças aliadas.*

*Jorge Amado encontrava-se exilado na Argentina e no Uruguai. Lá escrevera Vida de Luís Carlos Prestes, que depois recebeu o título de O cavaleiro da esperança e Terras do sem fim. O livro sobre Prestes fora editado em espanhol. Em português, nem pensar! Qual editor que se arriscaria, no Brasil, a ter a edição apreendida? Os livros em castelhano entravam clandestinamente no país e eram lidos também clandestinamente. Paulo Mendes conseguiu um exemplar, me emprestou e eu, sem nunca ter falado nem lido espanhol, li o livro todo traduzindo para mamãe.*

*Admiradora de Jorge Amado, assombrada ao ver o meu desembarço na tradução, de vez em quando mamãe me interrompia:*

*– Você está inventando... nunca falou espanhol... como é isso?*

*Ao saber que Getúlio Vargas apoiara os americanos contra o eixo nazifascista, Jorge e o grupo de amigos também exilados, decidiram voltar para o Brasil. Diante da nova situação, nada de mal lhes poderia acontecer; ao contrário, deviam até ser bem recebidos, poderiam colaborar na luta, ajudar a liquidar de vez aquela guerra odiosa.*

*Bem recebidos? Foi o que logicamente imaginaram. Embora o governo tivesse apoiado os aliados, o regime brasileiro ainda não mudara e, ao chegar a Porto Alegre, Jorge foi preso. Levado de trem, um tira ao lado, viajou até o Rio de Janeiro, indo direto para a Casa de Correção, onde permaneceu três meses. Daí o enviaram à Bahia, como residência obrigatória, sem permissão de sair da cidade. Em Salvador, retomou sua atividade jornalística, colaborando no jornal O Imparcial, com uma longa série de crônicas sobre a guerra. Escreveu ainda um romance, São Jorge dos Ilhéus, e iniciava outro, Bahia de Todos os Santos, quando, no final de 1944, viajou para São Paulo.*

*Em São Paulo, o movimento de apoio ao fim da guerra e pela anistia dos presos políticos era enorme e Jorge Amado não era homem de ficar assistindo de longe, parado. Sem pedir licença a quem quer que fosse, desafiou a proibição e viajou por sua conta e risco.*

A notícia de sua presença na cidade correu de boca em boca e acabou caindo em meus ouvidos. Fui ao bairro do Paraíso, onde moravam meus amigos, os Mendes de Almeida, em busca de novidades. Ao chegar, encontrei Aparecida no portão despedindo-se de um rapaz. Discreta, entrei direto, dando apenas um alô. Nem me dera conta, burra, de que o rapaz magrinho era Jorge Amado.

– Ele anda por aí tudo – me disse Aparecida depois –, esse danado não tem medo de nada. Almoçou aqui e saiu ligeiro para uma reunião em que vão tratar da organização de um comício. Parece que Prestes vai sair por esses dias da prisão... Jorge está entusiasmado com a chegada do poeta Pablo Neruda, que vem do Chile a fim de participar do comício. Segundo Jorge, Neruda vai declamar um poema em homenagem à dona Leocádia, mãe de Prestes.

A grande loja do edifício recém-construído e ainda não habitado, na Praça da República, estava lotada. Eu soubera da reunião e me apresentara. Havia muita gente, como eu, disposta a trabalhar pelo comício.

De súbito ouviu-se um burburinho: ele chegou... já está aí... Ao longe vi Jorge que se aproximava, comprimido no meio daquele povo até chegar ao centro do recinto, onde seriam designadas as pessoas para integrar as várias comissões de trabalho.

Agora sim, ele estava em minha frente, a poucos passos. Eu nunca o vira tão de perto e o achei charmoso. Pensei: apenas 32 anos, tantos livros escritos, tantas aventuras e desventuras...

Estava eu perdida em meus devaneios quando o vi estender a mão para mim:

– Você vai trabalhar comigo... – Ainda olhei para o lado, seria comigo mesmo que ele falava? Era.

Segurou-me pelo braço:

– Venha aqui... – Levou-me até uma mesa, sobre a qual estava uma máquina de escrever. Puxou a cadeira:

– Sente aí e escreva um comunicado à imprensa, que eu vou ditar.

Morta de vergonha, respondi:

– Eu não sei escrever à máquina.

– Não sabe bater à máquina? Que moça mais inútil!

Ao perceber o meu encabulamento, tratou de corrigir a brincadeira!

– Não pense que vai se livrar de mim, assim – disse rindo. – Há muita coisa a fazer. Trabalho é o que não falta. Hoje à noite vamos realizar um comício na Lapa, você vai me ajudar, esteja aqui antes das oito...

No dia seguinte matriculei-me num curso de datilografia. Nunca mais passaria por semelhante vergonha.

Mais de meio século se passara e ainda recordávamos, nesse ano de 2000, detalhes do nosso relacionamento naqueles dias agitados da preparação do comício-monstro:

– Lembra quando você me propôs ensinar a bater à máquina com os dez dedos? – recordava ele, rindo. – Achei tua proposta linda. Sem querer dizer, você me comunicava que já haver aprendido datilografia e... com os dez dedos.

– Você lembra – recordava eu – que você me levava aos comícios em que eu não fazia absolutamente nada? Aliás, fazia: a teu pedido, sugeriu sempre a última palavra



*de teu discurso... Um dia tive vontade de propor paralelepípedo, ao ver você dando trela a uma das atrevidinhas que viviam te cercando...*

*De Jorge eu não ganhava, divertia-se à minha custa:*

*– Coisa mais feia! Ter ciúmes daquela moça tão boazinha...*

*Nem merecia resposta. Mudei de assunto.*

*– E dos cravos vermelhos, você se recorda? Quando voltávamos com Neruda do banquete oferecido a ele? Pediu ao chofer que parasse o táxi no mercado de flores em frente o Municipal, comprou todos os cravos que enchem um latão. Foi uma das maiores emoções da minha vida – disse-lhe – ver você abrir a porta do carro e me dar um banho de flores...*

*– Claro que me lembro. Como poderia esquecer? Aquele mundo de cravos custou um dinheirão – ria o malandro, emendando em seguida, corrigindo sua falta de poesia: – Foi caro mas valeu a pena, você ficou mais linda ainda e seus olhos brilharam como nunca. Agora me diga uma coisa, sempre quero te perguntar e não pergunto – prendia-se para não rir –, foi por causa do banho de cravos que você, no dia seguinte, me agarrou e me beijou?*

*Passavam-se os anos e essa conversa de nosso primeiro beijo sempre vinha à baila: Jorge insistia que fora eu quem o agarrara para beijar. Mentira pura, eu protestava e, quanto mais eu negava, mais ele ria. Divertia-o muito essa história.*

---

Trecho retirado do livro de João Jorge Amado, Paloma Jorge Amado e Zélia Gattai Amado: *Jorge Amado: um baiano romântico e sensual. Três relatos de amor*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 11-16.

## Explorando o universo textual

Uma biografia ou relato biográfico narra a história de vida de pessoas consideradas importantes para uma determinada sociedade ou grupo social. Em geral, quem conta essa história, o biógrafo, pode contar ou não com a ajuda do biografado. Em ambos os casos, o biógrafo recorre a outras fontes: depoimentos de pessoas que conviveram com o biografado, fotografias e todo tipo de documentos sobre a personalidade em questão. Quanto mais variadas as fontes a que recorreu, mais rico torna-se o relato. As biografias são escritas, preferencialmente, por historiadores, jornalistas e escritores.

Mas, este relato biográfico é um pouco diferente. Isto porque a pessoa que o escreveu foi alguém muito próxima de Jorge Amado: sua esposa. O casamento deles durou 56 anos e nesse longo tempo Zélia Gattai participou intensamente da vida do escritor. Eles estiveram juntos por mais de meio século.

O texto está centrado na intimidade familiar do escritor, mas não deixa de trazer à tona fatos que ultrapassam a convivência doméstica. Apesar de ter como foco a vida pessoal de Jorge Amado, não foi possível deixar de tratar de sua participação ativa no mundo da política e da cultura.

Considerando quem escreveu a biografia (Zélia Gattai) e suas intenções (mostrar a intimidade familiar de Jorge), esse relato biográfico é também autobiográfico, pois Zélia relata partes de sua própria história ao contar a de Jorge Amado. A história de um se entrelaça com a do outro.

Então, a história de vida deste baiano romântico e sensual, como diz o título do livro, é construída a partir de um ponto de vista pessoal. Os principais recursos que mostram esta grande intimidade entre o biografado (Jorge Amado) e a sua biógrafa (Zélia Gattai) são os seguintes:

- a alternância do foco narrativo: ora o relato é narrado em primeira pessoa (eu), ora em terceira pessoa;
- a focalização dos eventos e da personagem “Jorge Amado”: o modo como a narradora vê e nos faz ver os fatos e a própria personagem.

Mas, um outro aspecto também terá lugar na análise do texto. Como o relato também traz informações sobre o contexto político da época, veremos como o *conhecimento de mundo* do leitor constitui-se em um importante fator para a melhor compreensão da história de Jorge Amado. Essa personalidade pública, além de ter sido um dos mais importantes escritores brasileiros, foi também um militante do partido comunista e um ferrenho opositor da ditadura Vargas.

### **A alternância do foco narrativo**

O foco narrativo em primeira pessoa caracteriza-se pela participação direta do narrador nos acontecimentos que conta. Já o foco narrativo em terceira pessoa caracteriza-se pelo distanciamento do narrador em relação aos fatos que conta. Ele “sabe” sobre a vida das personagens, conhece seus pensamentos e sentimentos. Também detém informações ligadas ao contexto histórico em que os acontecimentos ocorreram. Mas não está diretamente envolvido, não toma parte destes fatos.

#### **O foco narrativo em primeira pessoa**

*Pode-se participar de fato dos acontecimentos narrados ou pode-se apenas “fingir” uma participação. É o caso, por exemplo, de alguém que ouve uma mesma história várias vezes. Essa pessoa pode contá-la como se tivesse participado diretamente dos fatos. Não é caso do texto desta unidade.*

*No trecho inicial da biografia de Jorge Amado escrita por Zélia Gattai, o foco narrativo predominante é em primeira pessoa. Alguns exemplos:*

- “Festejamos mais de meio século de amor naquele mês de maio de 2000.”*
- “Admiradora do escritor, ao saber que ele participaria do congresso, toquei-me para o Municipal e, acanhada, em meio a tanta gente importante que lotava o teatro, sentei-me lá atrás, recolhida na minha timidez, só observando.”*

- c) *“Voltei a vê-lo, dias depois, num coquetel que lhe oferecia a Livraria Civilização Brasileira. Arrastei Wanda, minha irmã, comigo. Ainda nesse dia não tive vez. Só vi Jorge Amado a distância, como sempre rodeado de gente, sobretudo mulheres belas e elegantes.”*
- d) *“Encontrei, nesse coquetel, meus amigos Paulo Mendes de Almeida e Aparecida, sua mulher. Íntimos de Jorge Amado, me contavam tudo sobre o jovem escritor que os visitava sempre que chegava a São Paulo.”*

A narração em primeira pessoa é uma das características marcantes da autobiografia. Mas neste relato biográfico, mesclam-se essas duas perspectivas: a de uma narradora que tomou parte dos eventos narrados e a da narradora que se distancia e relata os fatos de um outro ponto de vista.

### **O foco narrativo em terceira pessoa**

*Depois de relatar dois eventos dos quais participa (o I Congresso Brasileiro de Escritores e um coquetel oferecido a Jorge Amado pela Livraria Civilização Brasileira, ambos os eventos realizados em São Paulo), Zélia fala um pouco da militância política de Jorge Amado e da perseguição sofrida por ele durante a ditadura Vargas.*

*Para tanto, ela emprega o foco narrativo em terceira pessoa, como pode ser observado nos exemplos abaixo:*

- a) *“(Jorge) viera da Bahia, onde fora confinado, havia dois anos, proibido de sair da sua cidade sem autorização da polícia, sob pena de voltar para o xadrez, coisa que ele conhecia demais e não gostava, claro.”*
- b) *“(Ele) Estivera dois anos exilado na Argentina e no Uruguai, depois de ser preso por suas idéias políticas, sua luta pela liberdade de pensamento e contra o nazifascismo.”*
- c) *“Seus livros – Capitães da areia, Mar morto, Jubiabá, Cacau, suor e país do carnaval – haviam sido queimados em praça pública, com ata oficial, na Bahia e em São Paulo e proibidos de serem vendidos.”*
- d) *“Naqueles anos de ditadura, quem fosse apanhado lendo um livro de Jorge Amado era fichado de comunista e cadeia com ele. A liberdade de ação e de pensamento era cerceada e ai de quem ousasse abrir a boca!”*

*Esses últimos exemplos mostram que Zélia narra sem tomar parte destes eventos, assumindo uma atitude de distanciamento e expondo seu conhecimento sobre fatos passados da vida de Jorge Amado:*

- e) *“... viera da Bahia, onde fora confinado, havia dois anos.”*
- f) *“... estivera dois anos exilado na Argentina e no Uruguai.”*

*Ela também demonstra o seu conhecimento sobre o contexto político da época, quando os livros de Jorge tinham sido queimados em praça pública e proibidos de serem vendidos.*

*O distanciamento do narrador em relação aos fatos que conta é a principal característica do uso da terceira pessoa. Ele “sabe” sobre a vida das personagens, conhece seus pensamentos e sentimentos. Também detém informações ligadas ao contexto histórico dos acontecimentos.*

*Nesse caso, o narrador não se envolve diretamente com os fatos. Assim, o foco em terceira pessoa cria uma posição privilegiada, dando ao narrador a possibilidade de tudo saber sobre a história que conta.*

O movimento da narradora em alternar o foco narrativo não pára aí. Depois desses trechos em que Zélia adota uma atitude de distanciamento, outra vez ela se envolve diretamente com os fatos que narra. Isto acontece quando relembra o momento da morte de seu pai:

“Em 1939, meu pai, na sua ingênua honestidade, abriu a boca e foi preso, morrendo em consequência de torturas sofridas. Papai não tinha compromisso partidário, mas ousava ser contra a falta de liberdade, protestava falando de sua revolta contra as arbitrariedades e violências reinantes. Fora ouvido por um alcagüete – dedo-duro era o que não faltava na época – e denunciado.

Aos 54 anos, ao morrer, ainda lhe restando um fio de voz, papai me disse:

– Minha filha, você é minha esperança...

A confiança que papai depositara em mim e a revolta de vê-lo morrer de tal maneira despertaram-me o desejo de lutar contra a ditadura e as injustiças sociais. Não perdia passeatas reivindicativas, estava em todas.”

Ao rememorar a vida Jorge Amado, marcada por exílios e proibições de suas obras, a narradora relembra sua própria trajetória: a morte de seu pai e a decisão de participar das lutas contra a ditadura e as injustiças sociais. Mais adiante, ela fala de outros acontecimentos: a sua façanha de ir lendo e traduzindo os livros proibidos de Jorge para sua mãe e a decisão de aprender datilografia.

Esses são exemplos de como, ao narrar a vida de Jorge Amado, Zélia também conta episódios sobre sua vida e produz, assim, uma parte de sua autobiografia. E é por isso que o relato biográfico sobre Jorge Amado também apresenta características de uma autobiografia.

O jogo de alternâncias entre os focos narrativos em primeira e terceira pessoa mostra que as fronteiras entre biografia e autobiografia podem ser

muito pouco demarcadas. Este fenômeno acontece principalmente quando o biógrafo (o responsável por contar a vida de uma personalidade, nesse caso, Zélia Gattai) é alguém muito próximo do biografado (nesse caso, Jorge Amado).

### **A focalização**

A palavra focalização pode ser entendida como pôr em foco, dar destaque a alguma coisa, pessoa, lugar etc., concentrar-se em uma parte ou detalhe de algo. Mas, o que essa palavra quer dizer quando se refere a um recurso usado na narração?

A focalização é um procedimento que torna explícito o ponto de vista a partir do qual os fatos vão sendo narrados. Quem narra ocupa um lugar semelhante daquele que filma ou fotografa, escolhendo aspectos que considera importantes de serem apresentados ao leitor. É a partir do olhar de Zélia e do lugar que ocupa nos eventos que ela conta que o leitor entra no universo de Jorge, conhece essa personalidade e sua trajetória.

O trecho apresentado nesta unidade é claramente organizado a partir de um ponto de vista pessoal. A narrativa é construída a partir do ponto de vista de Zélia Gattai; é a versão da esposa do escritor, de alguém que viveu com ele durante 56 anos.

### **A focalização de eventos**

*Um exemplo de como os fatos e eventos são explicitamente narrados do ponto de vista de Zélia é quando ela trata de um episódio muito importante na vida do marido: o I Congresso Brasileiro de Escritores, ocorrido em 1945.*

*Nesse congresso, Jorge Amado liderou a manifestação contra o Estado Novo. Esse protesto decretou o fechamento, por parte do governo, do encontro de escritores. Sobre este evento, ela escreve o seguinte:*

- a) *“Eu vi Jorge antes de ele me ver, no Teatro Municipal, no início de 1945, na abertura do I Congresso Brasileiro de Escritores, no qual ele presidia a delegação baiana. Admiradora do escritor, ao saber que ele participaria do congresso, toquei-me para o Municipal e, acanhada, em meio a tanta gente importante que lotava o teatro, sentei-me lá atrás, recolhida na minha timidez, só observando. Ao longe, eu o vi cercado de gente, sobretudo de mulheres, belas, cultas e charmosas. Conhecia algumas delas, de jornais e revistas.”*

*Apesar de Jorge Amado ter sido um dos líderes do Congresso e apesar de o evento ter sido fechado pelo governo ditatorial, esses fatos não foram destacados pela narradora.*

*Para Zélia, a importância do congresso é outra: ele marca a primeira vez que a narradora viu Jorge Amado pessoalmente. O que importa, para ela, é ter visto Jorge Amado “de longe”, sentada em uma cadeira “lá atrás”.*

Outro exemplo em que o evento serve apenas como “pano de fundo” para ilustrar como Zélia acompanhou, durante certo período, as aparições públicas do escritor:

- b) “Voltei a vê-lo, dias depois, num coquetel que lhe oferecia a Livraria Civilização Brasileira. Arrastei Wanda, minha irmã, comigo. Ainda nesse dia não tive vez. Só vi Jorge Amado a distância, como sempre rodeado de gente, sobretudo mulheres belas e elegantes.”

O coquetel em si não merece um destaque maior. A narradora, por exemplo, não explica o motivo pelo qual a livraria Civilização Brasileira estaria oferecendo a Jorge aquele coquetel. O que importa é o fato dela poder ficar “filmando” Jorge.

Esta metáfora é interessante porque a focalização é também caracterizada nos seguintes termos: ao acompanhar os movimentos do narrador, é como se o leitor olhasse através de uma câmera filmadora. No exemplo abaixo, a narradora conta quando, finalmente, teve o primeiro contato com Jorge:

- c) “A grande loja do edifício recém-construído e ainda não habitado, na Praça da República, estava lotada. Eu soubera da reunião e me apresentara. Havia muita gente, como eu, disposta a trabalhar pelo comício. De súbito ouviu-se um burburinho: ele chegou... já está aí... Ao longe vi Jorge que se aproximava, comprimido no meio daquele povo até chegar ao centro do recinto, onde seriam designadas as pessoas para integrar as várias comissões de trabalho. Agora sim, ele estava em minha frente, a poucos passos.”

De quem Jorge se aproximava? De Zélia. Na descrição da cena, a narradora, ao dizer que Jorge “se aproximava”, deixa implícito que ele caminhava na direção onde ela estava, “o centro do recinto”. A narradora emprega esse verbo porque a aproximação de Jorge é vista por ela como um casual movimento dele em sua direção.

Outros importantes recursos que marcam a perspectiva da narradora são as expressões que indicam a localização de Zélia diante dos fatos que narra. Ela é o ponto central a partir do qual os fatos são localizados: “lá atrás”, “ao longe”, “a distância”, “em minha frente”, “a poucos passos”.

Para o leitor, somente é possível compreender essas expressões na medida em que ele se coloca no lugar de quem narra. Assim, é possível saber o que significa sentar “lá atrás”. Sentar “lá atrás” em um teatro é diferente de sentar “lá atrás” em uma sala de aula. Por isso, o uso dessas expressões exige que o leitor se coloque na perspectiva da narradora, ou seja, que ele acompanhe a movimentação dela, que, por sua vez, acompanha a movimentação de Jorge.

Em resumo, pode-se dizer que os eventos descritos funcionam como um “pano de fundo” para mostrar como aconteceram os primeiros contatos entre Zélia e Jorge Amado: primeiro ela o viu; depois, ele a viu.

Por último, o cenário que marcou o início do relacionamento entre os dois está inserido em um contexto de intensa militância política. O relato de Zélia não deixa de chamar atenção para este fato. Contudo, a perspectiva escolhida faz com que o leitor veja aquela época também como o momento do nascimento de um romance que duraria muito tempo e sobre o qual os dois gostavam de lembrar:

- d) *“Mais de meio século se passara e ainda recordávamos, nesse ano de 2000, detalhes do nosso relacionamento naqueles dias agitados da preparação do comício-monstro...”*

### **A focalização da personagem**

Como Jorge Amado é visto pela narradora? Duas são as qualidades do escritor, presentes no título do livro e ressaltadas por Zélia: o lado romântico e o lado sensual. Ao longo do livro, Zélia Gattai reconstrói várias cenas que reforçam a imagem de um baiano “romântico e sensual”. Vários exemplos mostram as formas da narradora “ver” e “fazer ver” o personagem biografado:

- a) *“Ao longe, eu o vi cercado de gente, sobretudo de mulheres, belas, cultas e charmosas. Conhecia algumas delas, de jornais e revistas.”*
- b) *“Só vi Jorge Amado a distância, como sempre rodeado de gente, sobretudo mulheres belas e elegantes.”*
- c) *“Eu nunca o vira tão de perto e o achei charmoso. Pensei: apenas 32 anos, tantos livros escritos, tantas aventuras e desventuras...”*
- d) *“Estava eu perdida em meus devaneios quando o vi estender a mão para mim:”*  
*“Você vai trabalhar comigo... – Ainda olhei para o lado, seria comigo mesmo que ele falava? Era.”*
- e) *“Foi uma das maiores emoções da minha vida – disse-lhe – ver você abrir a porta do carro e me dar um banho de flores...”*

Nos dois primeiros exemplos, Jorge está sempre cercado de muita gente, especificamente de “belas mulheres”. Este cenário produz uma imagem de Jorge Amado como uma pessoa reconhecida pelo público, principalmente pelas mulheres.

É importante considerar que muitas cenas construídas por Zélia reforçam a idéia do título livro. Jorge Amado é colocado no centro de cenas em que age como um galanteador romântico: ela o viu estender a mão para ela, ela o viu jogar flores nela dentro de um táxi.

Ela chama a atenção, por exemplo, para o primeiro momento em que ele a viu. Isso não se dá à toa. No início do relato biográfico, Zélia diz:

- f) *“Segundo ele sempre confessou, ao pôr os olhos em mim, o clima rolou em seguida: rolou o clima quem diz sou eu agora, recatada; ele falava em tesão.”*

O destaque dado para a primeira vez em que Jorge Amado vê a narradora (exemplo (d), acima) justifica-se plenamente: é um momento importante porque mostra como ela já estava envolvida com ele e como Jorge a percebe pela primeira vez, aproximando-se dela e convidando-a para trabalhar com ele.

Esta sintonia entre os dois reforça o objetivo da narradora de falar sobre Jorge Amado a partir de uma perspectiva muito pessoal.

## **Conhecimento de mundo: condição para a compreensão do texto**

O relato biográfico sobre Jorge Amado exige do leitor um tipo especial de conhecimento de mundo: o contexto histórico no qual os eventos relatados ocorreram.

Um primeiro exemplo é:

**a)** “Jorge achava-se *ilegalmente* entre nós”.

Por que ele estava ilegalmente em São Paulo? Por que estivera exilado na Argentina e no Uruguai? Por que foi preso por suas idéias políticas?

**b)** “Seus livros – *Capitães da areia, Mar morto, Jubiabá, Cacau, suor e país do carnaval* – haviam sido queimados em praça pública, com ata oficial, na Bahia e em São Paulo e proibidos de serem vendidos. Naqueles anos de ditadura, quem fosse apanhado lendo um livro de Jorge Amado era fichado de comunista e cadeia com ele. A liberdade de ação e de pensamento era cerceada e ai de quem ousasse abrir a boca!”

O contexto histórico em que os fatos acima (e os outros mencionados no texto de Zélia Gattai) acontecem é o do período entre 1930 e 1945, quando surgiram importantes movimentos políticos. Um deles é o integralismo.

### **Brasil de 1937 a 1945: o Estado Novo**

Antes da leitura do texto, vale a pena conhecer um pouco sobre o contexto histórico em que viveu Jorge Amado. O período mencionado no texto vai de 1937 a 1945, quando vigorou o chamado Estado Novo.

O Estado Novo – regime autoritário com características do fascismo europeu – começou a vigorar em 1937, no Brasil. No dia 10 de novembro, soldados cercaram o Congresso e impediram a entrada dos parlamentares. Nesse mesmo dia, o presidente Getúlio Vargas impôs uma nova Carta Constitucional, elaborada por Francisco Campos.

A censura aos órgãos de imprensa e a propaganda política foram alguns dos instrumentos usados para sustentar o regime e cultivar a imagem de Vargas. A Revolução que levou Vargas ao poder, em 1930, derrubou o governo apoiado pelos cafeicultores de São Paulo e Minas Gerais.

A propaganda política investiu no culto à figura de Vargas, tendo as crianças como alvo preferencial. As cartilhas escolares divulgavam o presidente como um “Pai” para o Brasil. O rádio e o cinema enalteceram as ações do presidente. O Estado Novo durou oito anos.





Getúlio Vargas, 1949 (Radiobras, *100 anos de República*, Nova Cultural, v. 1, p. 52).

Com o fim da Segunda Guerra Mundial e a vitória da democracia sobre o nazismo, a ditadura de Vargas perdeu a sustentação política. Ele foi deposto, em 1945, e o país iniciou um período democrático.

(Adaptado de: <<http://www.tvcultura.com.br/aloescola/historia/cenasdoseculo/nacionais/estadonovo.htm>>.)

### **Integralismo**

*A Europa dos anos 1920 foi marcada pelo crescimento dos partidos comunistas e fascistas. No Brasil, o fascismo se chamou integralismo.*

*Na primeira metade dos anos 1930, a política brasileira foi marcada pela polarização entre grupos de esquerda e a direita integralista.*

*Liderada por Plínio Salgado, a Ação Integralista Brasileira defendia um Estado forte e tinha no anticomunismo uma de suas bandeiras. Os integralistas usavam uniformes verdes e umas braçadeiras com a letra grega Sigma, imitando o estilo dos fascistas italianos. Faziam a saudação com o braço erguido e gritando Anauê, palavra de origem Tupi que quer dizer "você é meu irmão".*

*Em 1935, nasceu a Aliança Nacional Libertadora. Comunistas, socialistas, sindicalistas, membros do movimento tenentista e intelectuais se reuniram contra o integralismo. Defendiam o cancelamento da dívida externa, a nacionalização de empresas estrangeiras, a garantia das liberdades individuais e a reforma agrária. Luís Carlos Prestes foi escolhido o presidente de honra.*

*Em julho de 1935, Prestes acusou o governo Vargas de caminhar para uma ditadura fascista e lançou uma palavra de ordem: "Todo poder à ANL – Aliança Nacional Libertadora". Dias depois, o governo fechou a Aliança e prendeu vários de seus membros.*

*Na ilegalidade, os comunistas da ANL tomam a frente do movimento e desencadeiam uma revolta armada. Explodiram rebeliões em Natal, Recife e Rio de Janeiro, mas que acabaram sendo controladas pelo governo. Milhares de pessoas foram presas ao longo de 1936.*

*Apesar das eleições presidenciais marcadas para o início de 1938, muita gente desconfiava das intenções de Getúlio Vargas.*

*Em 1937 o governo denunciou o Plano Cohen, uma suposta trama revolucionária comunista. O plano, contudo, era uma farsa montada pelos próprios homens de Vargas, como foi descoberto mais tarde. Semanas depois, usando o Plano Cohen como justificativa, Vargas deu um golpe e implantou o Estado Novo, regime político que incorporou muitas das idéias dos integralistas.*

*Tropas cercaram o Congresso. Vargas mandou fechar todas as agremiações políticas, inclusive a dos próprios integralistas, que o apoiavam.*



Luis Carlos Prestes, candidato ao PCB, SP, 1945 (Nosso século 1945/1960, p.9).

*Meses depois, os integralistas tentaram uma sublevação, mas não obtiveram sucesso. Vários revoltosos morreram fuzilados. A repressão do Estado Novo esmagou as oposições e Vargas ficou no poder até 1945.*

(Adaptado de: <<http://www.tvcultura.com.br/aloescola/historia/cenasdoseculo/nacionais/integralismo.htm>>)

É nesse contexto que vários fatos apresentados pela narrativa podem ser compreendidos:

- a incineração dos livros de Jorge Amado, em 1937, no ano em que Getúlio deu o golpe militar e instalou o Estado Novo;
- a prisão e tortura do pai de Zélia Gattai, que era anarquista, em 1939, porque, segundo a narradora, ele “abriu a boca”;
- o exílio de Jorge Amado na Argentina e no Uruguai, entre 1941 e 1942, em decorrência de sua oposição ao Estado Novo. Jorge Amado foi membro da Aliança Libertadora Nacional, que foi posta na ilegalidade em julho de 1935;
- a presença ilegal de Jorge Amado em São Paulo, em 1945, participando do I Congresso Brasileiro de Escritores, que emitiu declaração em favor da democracia e das liberdades públicas, constituindo uma contundente tomada de posição contra o Estado Novo.

O objetivo desta última análise foi mostrar a importância do conhecimento de mundo para a leitura de um texto.

Tratou-se até aqui de um dos tipos de conhecimento, o conhecimento enciclopédico, que diz respeito à informação armazenada na memória ao longo da vida.

Na leitura de um texto, a ativação de conhecimentos é um procedimento comum. Alguns gêneros textuais pressupõem conhecimentos enciclopédicos mais ampliados por parte do leitor.

Caso as informações não façam parte do “estoque” mental, então a compreensão global pode ficar prejudicada.

No caso de o leitor compreender apenas parcialmente o texto, o melhor a fazer é procurar suprir as informações faltantes e realizar pesquisas que levem a uma compreensão mais qualificada do texto lido.

Esse procedimento é fundamental na leitura da maioria dos textos. Se quisermos entrar o mais fundo possível no mundo da cultura escrita, teremos que ter uma postura de busca pelo conhecimento, de constante ampliação das informações sobre o mundo que nos cerca.

A busca pelo conhecimento faz surgir, além de leitores competentes, cidadãos interessados naquilo que aconteceu e no que está acontecendo ao redor. É uma maneira de compreender o mundo e a História.

## **Autobiografia e biografia: gêneros textuais**

A autobiografia e a biografia são gêneros textuais que têm em comum o fato de narrarem a vida de pessoas consideradas importantes para uma determinada sociedade.

Quem escreve uma autobiografia conta sua própria história. Por isso, ela é escrita em primeira pessoa. Em geral, pode-se contar a história de uma vida a partir de lembranças, mas também pode apoiar-se em outros tipos de fontes: fotografias, cartas pessoais, diários, depoimentos de outras pessoas etc.

Quem escreve uma biografia conta a história de vida de outra pessoa. Por isso, ela é escrita em terceira pessoa. Em geral, o biógrafo ouve o depoimento da própria pessoa sobre a qual vai escrever. A biografia pode ser construída com ou sem a ajuda do biografado. Em ambos os casos, o biógrafo deve recorrer a outras fontes, tais como depoimentos de pessoas que conviveram com o biografado, fotografias e todo tipo de documento escrito sobre a personalidade. Quanto mais variadas as fontes, mais rico é o relato. As biografias, em geral, são escritas por historiadores, jornalistas e escritores.

A autobiografia e o relato biográfico são gêneros textuais. Ao serem dados nomes aos gêneros textuais, é possível separá-los uns dos outros, reconhecer o que os diferencia e o que os aproxima. Assim, pode-se reconhecer uma carta enviada por um amigo, uma notícia de jornal, uma conversa entre amigos, um telefonema para um médico, uma entrevista, uma reportagem, um anúncio publicitário.

Os gêneros textuais são os modos de utilização da língua. Eles são tão variados quanto a própria diversidade das atividades humanas.

Quando se escreve uma carta pessoal, tem-se em mente quem vai recebê-la. São tratados certos assuntos particulares e que não interessam a todos. É possível até mesmo xingar quem está recebendo a carta, ou tratá-lo(a) de maneira íntima.

A notícia de jornal é diferente. Um jornalista escreve de um jeito para um jornal e de outro jeito para um amigo que receberá sua carta. A forma de tratar os assuntos e organizar a linguagem são diferentes em uma carta e em uma notícia de jornal.

Assim, uma forma de diferenciar uma carta pessoal de uma notícia de jornal é observar o tipo de interação entre quem produz e quem lê o que foi escrito. As cartas pessoais e as notícias de jornal também se diferenciam em função dos recursos lingüísticos mobilizados por seus produtores. Os recursos lingüísticos são diferentes em cada um dos gêneros mencionados (carta pessoal e notícia de jornal) porque eles se destinam a interlocutores diferentes e porque circulam em diferentes esferas da vida social.

Mas as diferenciações entre os gêneros não são absolutas e definitivas. Muitas vezes os gêneros textuais mesclam características uns dos outros. Um exemplo disso é o relato biográfico sobre Jorge Amado, que também apresenta características de uma autobiografia, servindo, por exemplo, para que o leitor conheça um pouco sobre a vida de Zélia Gattai.

## Roteiro de atividades

### Explorando o universo textual: Ai que saudades de Jorge!

1. O título do relato biográfico escrito por Zélia Gattai e seus filhos é *Jorge Amado: um baiano romântico e sensual*. Justifique este título. Para fazer isso, comente algum trecho onde é reforçada a imagem romântica e sensual da personagem.
2. A biografia estudada nesta unidade mostra que, ao se contar a história de alguém, é quase impossível não mencionar outras personagens e o contexto histórico em que a narrativa está inserida. No trecho lido, Zélia cita várias pessoas importantes do cenário brasileiro e mundial, como Luis Carlos Prestes e Hitler.
  - a) Procure saber quem foram Prestes e Hitler. Reúna as principais informações sobre os dois e escreva uma pequena biografia de cada um.
  - b) Leia novamente o texto sobre Jorge Amado. Depois, comente por escrito quais passagens você consegue compreender melhor, após ter pesquisado sobre Prestes e Hitler. Procure explicar por que isso aconteceu.
3. Tendo como referência tudo o que foi lido e escrito até aqui, qual é a imagem que fica de Zélia Gattai? Considere as informações ela dá sobre seus sentimentos e posturas e diga como você a vê. Escreva um comentário descritivo sobre a narradora. Procure observar o seguinte:
  - as expressões que a narradora usa para falar de si mesma;
  - os trechos iniciais do relato e aqueles em que ela fala da relação dela com o escritor;
  - outros momentos que chamem sua atenção e que ajudem a fazer a descrição da narradora.

### Explorando relações entre os textos

1. Podem ser feitas aproximações entre a autobiografia de Valéria, lida na unidade anterior, e a biografia de Jorge Amado. Os dois textos, por exemplo, narram o primeiro contato entre duas pessoas que irão namorar. Escreva um comentário sobre as diferenças entre os encontros iniciais desses dois casais de futuros namorados. Observe principalmente:
  - a) os tipos de discurso utilizado (direto, indireto ou ambos);
  - b) o grau de detalhamento da descrição do episódio;
  - c) a marcação dos sentimentos e emoções das narradoras.

## Produzindo textos

A biografia de Jorge Amado tematiza, entre outras questões, as relações amorosas. Num certo momento é citado o poeta chileno Pablo Neruda. Poeta universal, homem de grandes amores e comprometido com seu povo, Neruda conheceu honras e glórias. Em 1971, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura. É dele o poema abaixo:

*Em minha pátria há um monte.  
Corre em minha pátria um rio.*

*Vem comigo.*

*A noite sobe ao monte.  
A fome desce o rio.*

*Vem comigo.*

*Quem são os que padecem?  
Não sei, sei que são meus:*

*Vem comigo.*

*Não sei, porém me chamam  
e me dizem: sofremos.*

*Vem comigo.*

*E me dizem: "Teu povo,  
teu povo deserdado,  
entre o monte e o rio,  
com fome e com dores,  
não quer lutar sozinho,  
te está esperando, amigo".*

*Oh tu, a que amo,  
pequena, grão vermelho  
de trigo,  
a luta será dura,  
a vida será dura,  
mas tu virás comigo.*

---

Retirado do livro *Pablo Neruda, presente de um poeta*. Tradução de Thiago de Mello. Pinturas de Dafni Amecke Tzitzivakos. São Paulo: Vergara e Ribas Editora, 2001.

- 1.** Inspire-se no poema de Pablo Neruda e escreva sobre você. Faça um relato sobre um envolvimento amoroso marcante em sua história de vida. Pode ser até que essa história de amor já tenha acabado. Pode ser que ainda continue. O importante é contar sobre esse envolvimento marcante.

Para isso, siga as seguintes orientações:

- a)** Como na narrativa biográfica de Zélia Gattai sobre Jorge Amado, você poderia começar situando o leitor sobre a sua história, ressaltando como hoje em dia você se sente em relação à pessoa com quem você se envolveu e dizendo se o envolvimento acabou ou se continua.
- b)** Não se esqueça de falar do primeiro momento em que encontrou (ou viu) o seu(a sua) amado(a); procure descrever a cena desse primeiro encontro detalhadamente, sem pressa, falando sobre como você se sentiu com o encontro e como você acha que a pessoa se sentiu, o que ele(ela) disse, o que você disse; procure colocar em discurso direto as falas que você considera terem sido as mais importantes daquele momento.
- c)** Procure descrever com cuidado a pessoa com quem você se envolveu; fale também sobre o que ele(ela) fazia e quais eram as características dessa pessoa que mais impressionavam ou seduziam você.
- d)** Não se esqueça de comentar sobre a época em que isso aconteceu, falando sobre o que estava acontecendo de importante em seu bairro, escola, cidade ou até mesmo no país e na sua vida pessoal quando o envolvimento entre vocês se deu.
- e)** Relate os encontros que tiveram e sobre como foi se desenvolvendo o relacionamento entre vocês.
- f)** Termine o seu relato falando de como é a sua atual relação com essa pessoa com quem você se envolveu e como você se sente em relação a ela.

Leia para os seus colegas a sua produção. Avalie com eles se a sua história de amor foi realmente marcante, se você conseguiu passar para o papel os seus sentimentos em relação à pessoa e se você conseguiu falar sobre esse envolvimento de forma a mostrar o quanto ele foi importante na sua vida.

## Explorando o universo textual: Ai que saudades de Jorge!

1. Os trechos que podem servir de exemplo para a construção da imagem de um Jorge Amado sensual e sedutor são aqueles em que a narradora se refere a ele sempre cercado de gente: “sobretudo de mulheres belas, cultas e charmosas.” Ou ainda: “Só vi Jorge Amado a distância, como sempre rodeado de gente, sobretudo mulheres belas e elegantes”.  
Por outro lado, as passagens que o mostram romântico são aquelas em que ele dialoga com Zélia. É o caso do episódio em que comprou todos os cravos que enchiam um latão de uma tenda e deu um banho de flores em sua amada.
2.
  - a) Observe se o texto que produziu contém informações relevantes para a compreensão do momento histórico.
  - b) O comentário que produziu deve apresentar uma reflexão sobre a importância de buscar informações complementares para uma melhor compreensão de certos trechos e, conseqüentemente, de seu sentido global.
3. A descrição pode ser mais detalhada ou mais geral, mas deve contemplar os seguintes aspectos: a narradora se coloca como uma pessoa entusiasmada, alegre, forte, decidida, engajada, discreta e apaixonada por Jorge Amado.

## Explorando relações entre textos

O relato autobiográfico de Valéria é muito menos sentimental em relação ao namorado do que o relato de Zélia em relação a Jorge. Zélia descreve com riqueza de detalhes o primeiro encontro, transcreve os diálogos que travou com Jorge, fala de suas emoções. Valéria, por sua vez, não dá voz para o namorado e fala dele de maneira bem geral, como vimos na sessão *Explorando o universo textual*. A descrição do primeiro encontro de Valéria com o namorado (a primeira vez que ela o viu, riu dele) é rápida, sem maiores detalhamentos. Além disso, Valéria conta com muito mais detalhes o primeiro “fora” que levou dele. Parece que foi o que mais marcou. Para fazer essas diferenciações, pode-se selecionar exemplos de trechos das duas narrativas.



## ORGANIZANDO APRENDIZAGENS

Neste módulo, *Histórias de vida*, aprendemos que:

- a autobiografia é um gênero textual escrito em primeira pessoa e que tem como tema central a vida de alguém;
- a biografia é um gênero textual escrito em terceira pessoa e que tem como tema central a vida de alguém;
- as autobiografias e biografias publicadas, além de construírem a trajetória de vida de uma pessoa, também mostram como a vida de alguém vincula-se à sociedade, ao momento histórico e ao contexto em que vive;
- as personagens são elementos fundamentais para que se possa dar vida a uma narrativa, seja ela autobiográfica, biográfica ou de outro gênero narrativo;
- as personagens de uma autobiografia, como em outros gêneros narrativos, vão sendo construídas ao longo do texto por meio de um trabalho do narrador com a linguagem;
- quando lemos uma autobiografia ou uma biografia, ou mesmo outro gênero narrativo, criamos uma imagem das personagens. O trabalho de caracterização das personagens feito ao longo do texto é, em grande parte, responsável pelas imagens que ficam das personagens no público-leitor;
- os gêneros textuais podem ser diferenciados uns dos outros porque: (a) possuem nomes diferentes; (b) porque cada gênero pressupõe um tipo de relação entre produtor e público/audiência ao qual é destinado; (c) porque cada gênero desempenha uma função especial no contexto em que é produzido e interpretado;
- alguns gêneros textuais demandam de nós um conhecimento de mundo ampliado para que possamos fazer uma interpretação mais qualificada do que está sendo dito;
- a linguagem coloquial (do cotidiano) pode estar presente em nossos textos escritos, desde que tenhamos um propósito, um objetivo claro para a utilização desse tipo de recurso.

### PARA SABER MAIS

Para quem quer ler outras histórias de vida, sugerimos:

- *Olga*, de Fernando Morais, publicado pela Editora Companhia das Letras.  
Relato biográfico sobre Olga Benário, mulher de cabelos escuros e olhos azuis, judia e comunista, que nasceu em Munique, na Alemanha. No Brasil, casou-se com Luís Carlos Prestes e acabou assassinada nos campos

de concentração nazistas. O livro narra sua trajetória de vida, marcada por lutas e muita coragem.

- *Donnie Brasco*, de Joseph D. Pistone, tradução de Reinaldo Guarany, publicado pela Editora Record.

Relato autobiográfico do agente do FBI Joseph Pistone, que, sob a identidade de Donnie Brasco, um ladrão de jóias, se infiltra na Máfia e convive, durante seis anos, com a mais poderosa organização criminosa dos Estados Unidos. Mesmo sob ameaças de morte, conta nos tribunais tudo o que descobriu, pondo muitos chefões atrás das grades. Johnny Depp e Al Pacino estrelam o filme.

- *Memórias de um cafajeste*, de Jece Valadão, publicado pela Editora [www.geracaobooks.com.br](http://www.geracaobooks.com.br).

O ator que mais representou o típico cafajeste no cinema nacional – vide *Rio, 40 graus* e *Os cafajestes* – revela, em depoimento para a jornalista Maria Teresa Artacho, aspectos de sua vida e carreira, terminando com a história de sua surpreendente conversão a uma igreja evangélica.

- *Tostão: lembranças, opiniões, reflexões sobre futebol*, de Tostão, publicado pela Editora DBA.

O craque de futebol Tostão conta sua trajetória de vida, relata comenta e analisa sua relação com a bola, com a medicina e com as palavras.

- *Os perigosos: autobiografias & Aids*, de Marcelo Secron Bessa, publicado pela Editora Aeroplano.

Em meados da década de 1980, paralelamente aos primeiros casos identificados de Aids, surgia internacionalmente uma efervescente vertente literária, escrita com infindável variedade de textos, estilos e gêneros, mas com um tema em comum: a Aids. O livro traça, com inestimável acuidade, um instigante panorama histórico da “literatura da Aids” no Brasil. Uma visão crítica, que analisa desde as primeiras manifestações do tema em terras tupiniquins, na forma de reportagens nas revistas semanais, contando as histórias dos doentes com uma forte tintura melodramática e romanceada. *Os perigosos: autobiografias & Aids* impressiona pelos relatos autobiográficos, revelando, segundo Silvano Santiago, “uma epopéia a cada relato autobiográfico”.

Para quem quer conhecer obras de Jorge Amado, sugerimos os seguintes livros:

- *Tereza Batista cansada de guerra*, de Jorge Amado, publicado pela Editora Record.

Narra a trajetória de vida de Tereza Batista, uma mulher que enfrenta com coragem as privações e adversidades. Fortalecida pela consciência de seu valor como mulher, ela usa seu poder de sedução e sua sensualidade como forma de marcar sua presença na sociedade.

- *Capitães de areia*, de Jorge Amado, publicado pela Editora Record.

Trata da vida de crianças sem família que viviam em um velho armazém abandonado no cais do porto. Apresenta como cenário as ruas e as areias das praias de Salvador (Bahia).

E também os filmes:

- *Tenda dos milagres* (1976, 139', cor, 35 mm). Direção e roteiro: Nelson Pereira dos Santos. Adaptação e diálogos: Jorge Amado e Nelson Pereira dos Santos. Adaptação do romance de Jorge Amado.

Na Bahia do início do século, um bedel da Faculdade de Medicina tomou a peito a defesa da raça dos seus ancestrais africanos. Pedro Archanjo é Ojuobá (olhos de Xangô), mulato, capoeirista, tocador de violão, bom de cachaça e pai de muitas crianças feitas com as mais lindas negras, mulatas e brancas. Percorrendo as ladeiras de Salvador, Mestre Archanjo recolhe o conhecimento secular dos negros africanos e documenta a cultura da terra de origem. A pesquisa acaba revelando ao bedel a ascendência negra de diversas famílias importantes da Bahia daquela época, registrada em livros e provoca a ira dos catedráticos da faculdade, defensores de idéias racistas. Mestre Archanjo é expulso da faculdade e preso. Mais tarde, pobre e velho morre nos castelo das mulheres da vida que o amparam.

- *Jorjamento no cinema* (1977, 50', cor, 16 mm). Direção: Glauber Rocha. Documentário. Glauber Rocha entra na casa de Jorge Amado, no Rio de Janeiro, e registra sua intimidade.

O escritor fala de sua trajetória literária e de suas obras adaptadas para o cinema, particularmente *Tenda dos milagres*, *Os pastores da noite* e *Dona Flor e seus dois maridos*. Acompanha os lançamentos dos filmes *Tenda dos milagres*, de Nelson Pereira dos Santos e de seu livro *Tieta do agreste*.